



le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

(Montaigne, *Des livres*)

Ex Libris  
José Mindlin

B

ZJ

a



# ROTEIRO

**Da Viagem da Cidade do Pará, até  
ás ultimas colonias do Sertão  
da Provincia.**

ESCRIPTO NA VILLA DE BARCELLOS

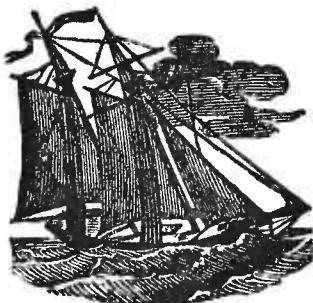
PELO

VIGARIO GERAL DO RIO NEGRO

O PADRE

*D<sup>r</sup> José Monteiro de Noronha*

*no anno de 1768.*



**PARA'.**



TYPGRAPHIA DE SANTOS & IRMAOS.

**1862.**



# ROTEIRO

DA VIAGEM DA CIDADE DO PARÁ ATÉ AS ULTIMAS COLONIAS  
DOS DOMINIOS PORTUGUEZES EM OS RIOS AMA-  
ZONAS E NEGRO.

## ILLUSTRADO

*com algumas noticias, que podem interessar a curiosidade dos navegantes, e dar mais claro conhecimento das, duas capitaniaes do Pará, e de S. José do Rio Negro.*

---

1. Em distancia de vinte legoas da ponta da Tigioca, ultimo termo da foz do Rio Amazonas pela parte do Oriente, subindo a costa occidental do largo continente, que medeia entre a ilha do Maranhão a Leste, e a grande ilha de Joanes, ou Marajó a Oeste está situada a cidade do Pará em uma ponta de terra visinha á bôca do rio, a que chamão os naturaes do paiz —Guajará—, por onde os dous rios Guamá, e Capim, depois de se unirem, desaguão por um ramo de maior largura, a cuja producção concorrem os rios Uacará, Mojú, Tocantins, Jacundá, Pacajáz, Guanapú, e outros muitos, de que oportunamente se fará menção neste Roteiro. A confluencia do rio Amazonas pelo canal de Tagipurú, tambem dá algum socorro de aguas á grande bahia do Pará; mas tão tenue, que provavelmente nem as aguas d'aquelle Monarca dos rios chegaõ ao Pará, nem cauzariaõ sencivel diminuição no seu golfo, se se atalhasse a communicaçao do Tagipurú, bastando a conjuncão dos mais rios já nomeados.

2. A cidade do Pará é a capital, e rezidencia do governador e capitão general do estado, que comprehende quatro distinctas capitaniaes, e governos particu-

lares, a saber; As capitaniaes do Pará, rio Negro, Maranhão, e Piaguí. Tambem é episcopal suffagânea ao Patriarcado de Lisbôa, desde o anno de 1720, em que o Papa Clemente XI a dividio do bispado do Maranhão á instancia do Senhor Rei D. João 5.<sup>o</sup>, que nomeou para seu primeiro bispo D. Fr. Bartholomeu do Pillar, religioso da sagrada ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

3. A sua verdadeira latitude, conforme as observações modernas, e mais exactas, é de um grão, e 28 minutos ao Sul da linha equinocial: e a longitude numerada no merediano da ilha do Ferro de 329 gráos, e 15 minutos. O seu clima é saudavel, e benigno: As estações do tempo mui temperadas, e sem excesso de calor, e frio. As suas terras são fertilissimas. He abundante de fontes, lagos, e caudalosos rios. De campos abertos, e mattos espessos: de arvores sempre ornadas de folhas, de portentosa altura, e grossura, e de preciosas qualidades, e cores: de gados, e animaes silvestres: de aves de rara grandeza, e formosura pela variedade, e viveza das suas cores. O seu commercio consiste em cacáo, cravo, salsa parrilha, oleo de cupayba, café, assucar, tabaco, algodão, e couros, que passão por trato a Portugal.

4. No continente do Pará ha treze povoacões, a dizer, sete pela costa abaixo, indo do Pará para Maranhão, e seis no interior do continente. As da costa são: a villa de Collares: o lugar de Porto Salvo: o de Penha Longa: a villa da Vigia: a villa nova d'El-Rei: a de Cintra, e a de Bragança.

5. A villa de Collares está situada em uma ilha contigua á costa, que vai do Pará para a ponta da Tigioca, distante da nomeada cidade pela mesma costa 9 legoas. O lugar de Porto Salvo está dentro de um

canal de pouca largura, e distante da villa de Collares duas legoas e meia pelo rumo de Leste. O lugar de Penha Longa está acima do lugar de Porto Salvo duas legoas. A villa da Vigia está sobre a costa detras de urnas ilhas, e longe do lugar de Porto Salvo duas legoas no rumo de Norte 4.<sup>a</sup> de Nordeste. A villa nova d'El-Rei, está dentro do rio Cruçá, distante da villa da Vigia pela costa, oito legoas no rumo de Leste. Pelo mesmo dista a villa de Cintra da villa nova d'El-Rei seis legoas, e está fundada no rio Maracaná á parte direita por elle acima longe da sua barra que é no oceano trez legoas. A villa de Bragança está na margem direita do rio Caeté, subindo por elle trez legoas, e distante da villa de Cintra vinte uma legoas pelo rumo de Leste 4.<sup>a</sup> de Sudueste.

6. As seis povoações, que se achão no interior do continente, são: o lugar de Bemfica: o de Bracarena: a freguesia de S. Bento: a villa de Ourem: o Porto grande do Guamá: o lugar de Cerzedello.

7. O lugar de Bemfica está dentro de uns canaes, que formão as ilhas da bôca do rio Mauari, distante da cidade do Pará seis legoas pelo rumo de Nordeste. O lugar de Bracarena está na margem direita, e distante legoa e meia da boca do rio tambem chamado Cruçá, que desagua no largo canal de Carnapijó, que separa a ilha das Onças, fronteira a cidade do seu continente, e dista da mesma cidade trez legoas pelo rumo de Oeste Sudueste. A freguesia de S. Bento está na margem oriental do rio Capim, distante da cidade sessenta e oito legoas pelo rumo de Sudueste 4.<sup>º</sup> sobre sul. A villa de Ourem está na margem spten-trional do Guamá, distante do Pará quarenta e duas legoas no rumo de Leste 4.<sup>a</sup> de Sueste. Desta villa se pode passar por terra a de Bragança; mas com jor-

nada trabalhoza, por mediar entre ambas uma matta de onze legoas, cortada de muitos riachos. A Povoação do Porto grande do Guamá está na mesma margem septentrional do rio superior a villa de Ourem quatro legoas. O lugar de Cerzedello está na margem oriental do rio Gurupí, distante do porto vinte trez legoas pelo rumo de Leste meia 4.<sup>a</sup> a Sueste, tomando o caminho por terra, e largando a direita o rio Guamá. Esta povoação é o ultimo termo da capitania, e bispado do Pará pela parte do oriente.

8. Havendo pois de fazer viagem da cidade do Pará, para o sertão do Amazonas, e rio Negro, se podem seguir duas diferentes derrotas, uma por dentro, e outra por fóra das ilhas, que separaõ a fóz do rio Tocantins do continente do Pará. Querendo seguir-se a primeira, que é a mais frequentada, se deve buscar o rio Mojú, e em duas enchentes da maré com favor d'algum vento, se chega ao estreito canal chamado vulgarmente —Igarapé-mirim—; e vale o mesmo que—caminho apertado de canoas—, distante da cidade desenove legoas. Na preamar se passa o canal; e esperando maré abaixo da freguesia de S. Anna se vai a espera da bahia do Marapatá, distante do Igarapé-mirim onze legoas.

9. A bahia se atravessa pouco antes da preamar, para se alcançar o furo da ilha Uuraray, que separa a bahia do Marapatá da do Limoeiro, as quaes tem a largura de 5 legoas seguidas obliquamente da espera do Marapatá até a entrada do canal do Limoeiro. Alcançado o furo, e estando ainda alta a maré, de modo que possão salvar-se os baixos, e não havendo alteraçao maior na bahia do Limoeiro, se continua a travessia sem dilacão, depois de costear a ilha um pouco para baixo, para se não descahir sobre o banco

de arêa, que fica na entrada do canal do Limoeiro á parte de cima. Havendo bom pratico, vento, e maré favoraveis se podem atravessar sem risco as duas bahias por fóra da ilha Uararay, sem tomar o furo della. No verão se faz a travessia em qualquer hora do dia: porem no inverno convem aproveitar as marés matinaes; por que de tarde saõ frequentes, e ordinarias as tempestades.

10. Estas duas bahias são a barra do grande, e caudoso rio dos Tocantins, e está em 2 gráos e 15 minutos de latitude austral. O dito rio tem o seu nascimēnto abaixo da chapada grande, ou dilatado cordão dos mōntes das minas geraes; e corre do meio dia para o septentrião. Desaguaõ nelle muitos rios por uma, e outra margem. Pelo oriental: O rio do Sono de Manoel Alves: Paranátinga: rio Preto; e o do Maranhão: Pela occidental: os rios Tacoanhunas: Araguaya: da Capoeira: de St.<sup>a</sup> Luzia: dos Mangoes: Curijaz: Boavista, e rio das Almas. As suas agoas são cristalinas, com declinação da cor verde. Nellas se crião deliciosos peixes, e perfeitas tartarugas; para cuja producção tem muitas, e vistozas praias de areya. A sua navegaçāo é trabalhosa pelos saltos, ou catadupas, e pedras, que nella se encontrão; e pelo perigo da invasão do innumeravel gentio, que habita nas suas margens, e centros; por cujo motivo se difficulta a extração do muito pão cravo, que ha neste rio, e se não communicāo por elle com o Pará as suas minas de ouro, que sāo: as minas de S. Felis: da Natividade, ultima freguesia, e termo do bispado do Pará pela parte de Sueste: de S. José dos Tocantins.

11. As nações mais conhecidas do gentio, que ha na parte oriental dō rio dos Tocantins, sāo: Apinagé: Timbira: Agurujá: Copegē: Amanajóz: Acarajá-

pitanga: Pururú: Panacumucú: Jony: Curuamerim: Curuauacú: Copepoty. Na parte occidental vivem os indios das nações: Grajacá: Grajuará: Uaya: Mucura: Turiuara, e de outras muitas: Os que habitaõ em uma, e outra margem superior á barra do rio Araguaya, estão situados em campos; e nas matas, os que ficão do Araguaya para baixo. As aldeas são populosas, e muitas de cada nação; especialmente do Copegé. Os indios das nações Apinagé e Timbira são de corso, e usaõ por instrumentos marciaes de maças de pão, e para a caça de arcos e flexas sem veneno: o que tambem praticão os de outras muitas nações; sendo nas mais commum o uso de arco, e flexas, para a guerra, e para a caça: todos geralmente são valerosos, e inclinados á guerra. E de ordinario a movem uns contra outros em defeza das suas pedreiras, que estimão por servirem das pedras de fogo em falta de machado, e mais ferramentas. Não tem paz, nem commercio com os brancos: mostra com tudo a experiênciia, que achando elles algum branco desperso, ou prisionando-o em guerra, o não matão; antes pelo contrario o tratão bem, e lhe destinaõ logo mulher conforme os seus costumes.

12. Todos os indios das referidas nações a excepção das mulheres, tem no beiço inferior entre a extremidade delle, e a cova da barba um furo maior, ou menor, segundo a sua particular distinção, em que metem uma pedra de figura cylindrica, e bem levigada. As orelhas são rasgadas entre a cartilagem, e a extremidade inferior com furo tão largo, que admitté uma rodella da grandeza da palma, ou metacarpe de uma mão, com que fazem monstruoso, e horrivel o seu aspecto. Os indios da nação Amanajoz tem o furo no beiço superior, e o adornão com um canudinho delicado de pennas amarellas, e azues, de que tambem

uzão nas orelhas, cujo furo é pequeno, e apertado, como o do beiço.

13. Não são antropofagos, nem idolatras. A sua religião é nenhuma. Ha porem entre elles Pithoés ou Feiticeiros, que só o são no nome, fingimento, e errada persuasão, a quem consultão para a predição dos successos futuros, em que se interessão, e recorrem para a cura das suas enfermidades mais rebeldes. Nas ceremonias, ritos, bailes, adernos de pennas, na rústicidade, e costumes, não diferem dos mais indios da Província do Amazonas. Nas suas festividades maiores uzão os que são habeis para a guerra da bebida, que fazem da raiz de certo pão chamado —Jurema— cuja virtude é nimiamente narcotica. Depois de sabirem do banho, que tomão geralmente todos os indios antes de amanhecer, é invariavel o costume de ir um indio destinado para este ministerio instruir no pateo, ou praça da aldea a gente moça na historia particular da sua nação, referindo o principio, e successos della. As suas transmigrações, ou mudanças (se tem havido) de umas para outras partes: as suas guerras passadas, e motivos dellas: as suas alianças, e confederações: as nações, que em algum tempo lhe forão falsas, e traidoras, ou constantes, e fieis: as que os tem beneficiado, ou aggravado: o heroico valor, e esforço dos seus maiores, e outras cousas semelhantes, que todos ouvem com attenção, e lhe faz uma indelevel impressão.

14. Em outro tempo se desceraõ do rio Tocantins muitos indios das nações Topinambaz, e Pochiguará, com os quaes se fundou uma aldêa na margem Oriental do mesmo rio pouco menos de uma maré de viagem acima da villa Viçosa, da qual passaraõ para a aldêa de Mortigura, hoje chamada villa de Conde.

15. As muitas ilhas, que ha na barra deste rio,

abundaõ de certa especie de castanhas, de cuja massa se extrahe o oleo chamado no idioma geral dos Indios —yandy-roba—; e val o mesmo, que —azeite amargo—; por que na verdade o é; e faz um ramo de commercio da villa Viçosa; por se servirem delle os moradores da capitania do Pará, para as luzes de casa. As mesmas castanhas ha nas ilhas da bahia do Marajó da cidade do Pará, das villas de Oeyras, Melgaço, Gurupá, e em outras muitas partes, e terras pantanosas. Em o rio do Guamá uzão alguns moradores do oleo de carrapato, para as luzes. Alem dos nomeados, que são de mão gosto ha no estado outros oleos gratos ao paladar, e estimaveis, como o de gerzilim, castanhas ordinarias, patauá, e ybácaba, a que Mr. de Condamine (a) chama na lingua dos Maynas —ungurave—. As rezinas são inumeraveis, e entre ellas especiaes a do cajú, que equivale a gomma-arabia, a do jutay, que é excellente consolidante, e da qual se servem os Indios para vidrar a sua louça; da Xeringa, cuja elasticidade, e usos, são bem notorios; e a do breu.

Não é o Pará menos fertil de balsamos; por que nelle se achaõ os da cupayba, cumarú, omiri, e outros muitos especiosos.

16. A villa Viçosa de Santa Cruz do Cametá, está situada na margem ocidental do rio, em distancia de 14 legoas da ilha Uararay, de que se fez mençaõ no § 9. E uma legoa abaixo da dita villa está o lugar de Azevedo na mesma margem occidental do rio.

17. Entre a villa Viçosa, e o canal do Limoeiro se achão dilatadas minas de Bribigões, e conchas marinhas, a que dão o nome de cernambi, de que se faz consideravel quantidade de cal, que é outro ramo do

---

(a) Condam. no extracto do seu diario pag. 36.

commercio d'aquella villa. As ditas minas provaõ demonstrativamente, que esta Peninsula foi em tempo antigo inundada das agoas do mar, que ao depois se retirou, por se elevar aquelle sitio sobre o nivel, que antes tinha; ou porque outros sitios, donde se recolheraõ as aguas, baixaraõ do nivel da Peninsula, por causa de alguma alteração, e por qualquer dos modos, que discorrem Mr. Buffon, e Feijoo. (a) Das mesmas conchas ha tambem grandes minas no rio Canaticú da ilha do Marajó, do qual se tratará mais adiante, e nos rios Maracaná, e Marapani, que fica abaixo do rio Cruçá, declarado no § 5.<sup>o</sup>

18. Para continuar a viagem, se ha de entrar com a enchente da maré pelo largo canal do Limoeiro, seguindo sempre o do meio, por haverem muitos formados de varias ilhas. E passando o estreito, ou sècco, a que os Indios chamaõ Pagé na preamar se vai com a vazante até a costa fronteira ao engenho do mestre de campo Pedro Furtado de Mendonça denominado Marauarú, e situado na costa, que corre do Nordeste e Sudueste da ilha do Marajó junto a barra do rio Canaticú, que lhe é mui pouco inferior, distante 14 legoas da entrada do canal do Limoeiro. Não querendo passar o estreito, ou secco referido, se pode navegar com a mesma vazante por outro canal largo chamado Japy, ou Cruçá, que fica á direita antes de chegar ao dito estreito, e o frequentaõ as canoas de maior grandeza, para evitar o trabalho de tirar os mastros na passagem do secco. E sahindo defronte da barra do rio Parácuuba se continua a viagem na

---

(a) Buff. historia natural tom. 1.<sup>o</sup> da 4.<sup>a</sup> edic. da pag. 97 em diante. Feijoo: tratado critico; tomo 5.<sup>o</sup> Discursos 15 n.<sup>o</sup> 16, 45 e 65.

enchente immediata pela bahia acima em direitura do engenho do nomeado mestre de campo, que se alcança com a mesma enchente sem difficuldade alguma. Depois de passar o primeiro secco, tambem ha a direita outro canal chamado Cruçá-mirim, que sahe a sobre-dita bahia do Parácuúba paoco abaixo da ilha Paquetá fronteira ao Molinote de Agostinho José Tenorio, fazendo-se por elle a mesma viagem já explicada.

19. Querendo fazer a viagem por fóra das ilhas; que separaõ a foz do rio Tocantins do continente do Pará, segundo o que fica dito no § 8.<sup>º</sup> sahindo da referida Cidade, se procurará logo a outra banda em demanda do canal de Carnapijó declarado em o § 7.<sup>º</sup>, e por elle se navegará até chegar a bahia do Marajó, cuja espera dista da cidade sete legoas.

20. Depois de estar nesta bahia ainda se podem seguir duas diferentes derrotas, uma por entre as ilhas procurando a costa da parte esquerda, que é a do continente do rio Tocantins até a espera do Marapatá explicada no § 8.<sup>º</sup>, e a outra ao largo pelo meio da bahia, procurando a costa opposta, que é da ilha do Marajó até o engenho do mestre de campo Pedro Furtado de Mendonça. Havendo de seguir-se a primeira logo, que encher a maré, se dará principio a viagem á vela, e com vento em poupa, inclinando-se ao largo, para se desviar a embarcação do recife de pedras, que lhe ficará pela prôa. Salvado elle outra vez se buscará a terra da parte esquerda, levando-a em distancia pouco mais de meia legoa: E logo se avistará a villa de Conde situada na mesma parte esquerda tres legoas e meia acima da espera da sahida de Carnapijó, e successivamente a villa de Béja superior á villa de Conde duas legoas e meia.

21. Passada a ponta, que aparece acima da villa de Béja, se entra pelos canaes das ilhas, que formaõ um verdadeiro labyrinto nesta paragem: E tendo bom piloto, se pôde chegar com uma enchente a espera do Marapatá, referida no § 8.<sup>o</sup> da qual se continuará a viagem pelo modo explicado nos §§ 9 e 18 até o engenho do mestre de campo Pedro Furtado de Men-donça.

22. Para fazer a viagem ao largo por fôra de to-das as ilhas, e pelo meio da bahia do Marajó até o engenho sobredito se carece de canôa segura, e piloto experimentado; por ser a bahia prolongada, larga, e ter correntezas, grandes marezias, baixos, e ilhas, que fazem dividir overdaeiro caminho. O vento será sem-pre favoravel e a poupa; exceptuando o caso de algu-ma tempestade. No tempo dos ventos geraes, que rei-naõ nos mezes de Setembro, Outubro e Novembro se executa esta viagem em 24 horas, vencendo-se nellas 32 legoas; por que tantas dista da Cidade o allega-do engenho por esta derrota.

23. Defronte do mesmo engenho, e distante delle 7 legoas, está situada a villa de Oeiras na margem Occidental, e superior 2 legoas a barra do rio Araticú, que seguido do Sul ao Norte do continente da villa Viçosa desagua na costa opposta a da ilha do Marajó, entre os rios Cupijó da parte de baixo, e Puruaná da de cima. O primeiro estabelecimento desta villa foi sobre a mesma costa Austral abaixo da foz do rio Par-náiva, e superior uma maré de viagem ao rio Araticú, para onde passou, e presentemente se acha. Chama-va-se em outro tempo Aldêa dos Bócas; por serem da nação Combóca os Indios da sua primeira fundaçao do que procedeu denominarõe se bahia dos Bócas, a que se segue até a entrada do rio Paranaú.

24. Seguindo a viagem do engenho de Marauarú para o sertão do Amazonas, se vai pela dita bahia dos Bócas, costeando á direita até chegar, depois de vencer 10 legoas, a barra do rio Parauarú, e entrar por entre as ilhas, que formaõ a entrada do largo canal do Tagipurú, que separa a ilha do Marajó do continente do Sertaõ pelo rumo de Noroeste. Nesta derrota se deixaõ na costa Austral do rio Puruaná em diante, e pela ordem, com que vão apontados, os rios Panáiva, Mucajá, Jacundá, de que se fez mensão no § 1.º, e Jagarajó. E na costa Septentrional seguida do engenho de Marauarú, os rios Piriá, Mutuacá, Guajará, e Paráuaú. Dos que fazem barra na mesma costa Septentrional, que é a da ilha do Marajó, do referido engenho para baixo, se dará noticia no § 30.

25. Acima do rio Paráuaú, e entrando do Tagipurú estaõ duas famosas Povoações, a saber: A villa de Melgaço fundada em uma das ilhas, que formaõ a dita entrada, e distante della 4 legoas pelo rumo do Sudueste; e a villa de Portel, que fica no continente do Sul pouco superior a barra do rio Acotipirira, vizinha aos rios Pacajá, e Uanapú, distante de Melgaço 4 legoas no mesmo rumo.

26. O rio Pacajá tem a sua barra em 2 gráos, e 25 minutos ao Sul da onde desce. He abundante de pão cravo. A sua navegação é trabalhosa em razão de algumas cachoeiras, e recifes de pedras. Deste rio se descerão para a villa de Portel muitos indios das nações Pacayáz, e Taconhapéz, e outras. Presentemente ainda tem gentio; principalmente no rio Iryuaná, que desagua na margem occidental do Pacayáz 4, ou 5 dias de viagem por elle acima. Na mesma margem, e em distancia de meio dia de viagem está o furo do Pacayáy, que communica o Pacayáz com Gua-

napú. Este tem as mesmas difficuldades de cachoeiras, que principiaõ ao 8.<sup>º</sup> dia da sua navegaçaõ, e abundancia de cravo. Delle sahiraõ para Portel os indios da naçaõ Guanapú; e ainda habita algum gentio no seu centro. Em um dia de viagem por elle acima se chega á bahia, que faz com largura de 2 legoas, em cuja enceada desaguaõ o riacho Camoy, que o communica com Tagipurú, e o riacho da Laguna, que no inverno dá igual communicaçaõ com o riacho Pucurûy, que faz barra abaixo da fortaleza, e villa de Gurupá. Antes de entrar em Guanapú, e mui perto de sua barra ha um canal, que tambem sahe a Tagipurú.

27. Depois de entrar pela barra do rio Paráuaú, e canal de Tagipurú se continua por elle contra a correnteza das aguas, que em todo o comprimento do canal correm para baixo em qualquer estado das mares: e vencidas 19 legoas, se chega ao largo do rio Amazonas.

28. A grande ilha de Joanes, ou Marajó contem em si 9 povoações; das quaes umas pertencem á costa Septentrional da mesma ilha, e outras á costa, que corre de Nordeste, e Sudueste, a qual tem de comprimento 55 legoas, e é fronteira á costa do continente do Pará, daqual se separa por uma bahia de 5 legoas, cuja largura se augmenta cada vez mais correndo costa abaixo até a ponta de Magoary.

29. Defronte da villa de Conde declarada no § 20 na costa da ilha do Marajó seguida de Nordeste á Sudueste desagua o rio Marajó-acú, de cuja barra para cima em distancia de 2 legoas, e meia está o lugar de Fonte de pedra; e na de uma legoa para baixo, o lugar de Villar. Passadas mais 12, a villa de Monsarás, á qual se segue na mesma costa a villa de Monfort distante 3 legoas de Monsarás. Correndo a costa

mais 4 legoas para baixo da villa de Monfort, fica a villa de Salvaterra na barra do rio Paracauary: E na margem direita opposta a Salvaterra, o lugar de Mondim, ao qual é superior na mesma margem do rio, e em distancia de 200 braças com pouca diferença, a villa de Soure. Do rio Paracanary até a ponta de Magoary, em que acaba a ilha de Marajó da parte do mar, vaõ 7 legoas e meia, em que naõ ha outro estabelecimento mais, que o do Real Pesqueiro das Tainhas.

30. Em o § 24 ficaõ declarados os rios, que desaguaõ nesta costa da ilha do Marajó continuada do engenho de Marauarú, até a entrada do rio Parauá, e canal do Tagipurú. Os que fazem barra na mesma costa seguida do referido engenho para baixo, saõ por sua ordem os seguintes: Canaticú: Pacujutá: Paracáuba: Amuaná: Uatuá: Marajó-acú: Arary: Paracanary: Os quatro ultimos estão povoados de grande numero de Fazendas de gado vaccum, e cavallar dos moradores do Pará.

31. Da ponta de Magoary corre a costa direita de Leste á Oeste no comprimento de mais de 40 legoas, e poucos minutos de latitude Austral: Nesta costa estaõ as duas povoações da villa de Chaves, e lugar de Rebordello. Aquella sobre a mesma costa do Marajó, e distante 25 legoas de Magoary: este em uma ilha grande chamada Caviana distante 7 legoas da villa de Chaves pelo rumo de Noroeste, e separada da costa do Marajó por um canal de 2 legoas de largo. O lugar de parada chamado em outro tempo Aldéa de Cajuná, estava fundado nesta costa uma maré abaixo da bahia do Vieira. Presentemente se acha despovoado; por passarem para a villa de Chaves os indios, que nelle habitavaõ.

32. Alem de outros menos notaveis desembocaõ  
nesta mesma costa da ilha do Marajó, seguidos todos  
da bahia do Vieira para baixo, e em pouca distancia  
uns dos outros, os rios Mapuá, Purureyapixá, e  
Anajaz. Não comprehendo entre elles o Iaburú; por  
ser furo, ou canal, e não rio. Estes rios, e os mais da  
ilha do Marajó forao antigamente habitados de muitas  
nações de indios, a saber: Aroans, Nheengaibas, Ma-  
mayanaz, Anajáz, Mapuáz, Goajará, Pixipixi, e ou-  
tras, que presentemente se achaõ reduzidas a differen-  
tes villas, e lugares.

33. Da ultima sahida superior do canal de Ta-  
gipurú 20 legoas pelo rumo de Norte está situada a  
Praça, e villa de S. José do Macapá na margem Sep-  
tentriional do Amazonas, e em tres minutos ao mesmo  
Polo do Norte, ficando-lhe inferior o rio Curiuaú, e  
superior o de Matapy, em cuja foz teve a sua primeira  
fundaçao. As terras de Macapá saõ abertas, e com  
interposiçao de algumas matas, continuaõ os campos  
por todo o comprimento dos montes de Guayana.

34. Vinte legoas abaixo de Macapá tem a sua  
barra o rio Irijó: E continuando a costa outra tanta  
distancia, se chega ao Cabo do Norte, que está em um  
grão, e 51 minutos ao Polo Septentrional. O Cabo do  
Norte é o ultimo termo da foz do rio Amazonas pela  
parte do Occidente, e dista da ponta da Tigioca, que  
é o ultimo termo da mesma foz pela parte do Oriente  
57 legoas, e meia. E tantas tem de largo a barra d'a-  
quelle grande rio.

35. No Cabo do Norte recebe o Amazonas as  
agoas do rio Arauary, celebre pelo espantoso fenomeno  
da Pororoca, nome, que lhe deraõ os indios, e vale o  
mesmo, que —mar arrebentado—; que não só entra  
pelo rio, senão tambem sobe pela costa acima. For-

ma-se nas horas, em que principia o fluxo da maré nos tres dias successivos da opposição, ou conjuncçāo da lua n'aquellas partes, em que augmentando-se a velocidade da correnteza, por occasião de algum estreito, encontra com algum baixo, que juntamente com o impeto do refluxo lhe disputaõ a passagem: concorrendo talvez muito a particular situacão do fundo. Entaõ fasendo-se sensivel uma intumescencia, se levantaõ instantaneamente trez, e as vezes quatro serras de agua de vinte palmos, ou mais de alto, seguidas umas ás outras, que correndo com estrondo, que se ouve muitas legoas antes de chegarem, e com indisivel velocidade deixaõ a maré completamente preamar nas partes, por onde passaõ. Chegando a paragens de bastante fundo, desaparecem aquelles promontorios de agua; e tornaõ a surgir nos baixos, que se seguem. A sua violencia é irresistivel á qualquer embarcação, e ainda os maiores madeiros cedem á sua força; por que os arranca, e faz outros grandes estragos. Este mesmo fenomeno se forma nos ditos tempos em os rios de Anauirá-pucú, e Guamá, aonde sobem as trez ondas a menor altura.

36. Do mesmo Cabo do Norte, ao de Orange são com pouca diferença 60 legoas de costa, em que desaguaõ os rios Mayacaré, Carapá-pury, e Cachipurú. No Cabo de Orange desemboca o rio Yapóco em 4 gráos e 15 minutos de latitude Septentrional. Este é o que se declarou por limite dos dominios Portuguezes no Tratado da Paz de Utrecht; por que antes della Luiz 14 rei de França, tendo-se-lhe confirmado no Tratado da Paz de Niméga a pacifica posse de Cayenna, pertendeo, como dependencia da mesma ilha, tomar aos Portuguezes toda a costa até o rio Amazonas.

37. O rio Matapy indicado no § 33 é superior a Macapá 4 legoas. Subindo a costa pouco mais de uma legoa desemboca nelle o rio Anaúerápucú, em cuja margem Oriental, e 7 legoas por elle acima está fundada a villa nova Vistosa da Madre de Deos.

38. Vencidas mais 4 legoas, se chega a barra do rio Mutuacá, aonde está situado o lugar de Santa Anna na margem Septentrional, e legoa e meia por um rio acima, que desagua' no de Mutuacá á parte Occidental delle, e longe 5 legoas da sua barra. Este lugar foi a primeira vez fundado em uma ilha de terra firme fronteira a barra do rio Matapy, da onde se mudou para o rio Maracápucú á margem direita dellé, e dez legoas distante da sua barra, e ultimamente, para o rio Mutuacá, como fica dito. Para este lugar passaraõ os moradores da Praça de Mazagaõ em Africa, depois de se largar esta aos Marroquienses, por cujo motivo se erigio novamente em villa com o mesmo nome de Mazagão. Depois de se navegar mais 8 legoas, fica a barra do rio Maracápucú. Do § 41 se continuará a noticia desta costa acima, por assim o pedir a ordem da viagem.

39. Entre a costa do Marajó, e a de Macapá, estão situadas muitas ilhas, que servem de abrigo ás canoas, para se poder navegar nellas por aquelle grande mar doce. Ellas, e os rios da costa Septentrional já nomeados, abundaõ de muito cacáo, de que fazem cupiosas colheitas annualmente os moradores da capitania do Pará.

40. Continuando a viagem da sahida superior do Tagipurú, de que se fez mençaõ no § 27 se irá costeando á mão esquerda pelo rumo de Sudueste 4.<sup>a</sup> sobre Oeste por uma costa brava, e desabrida até a Fortaleza do Gurupá, que dista da sobredita sahida

do Tagipurú 13 legoas; e fica em 3 gráos e 25 minutos ao Sul da linha.

41. Em distancia de 12 legoas da Fortaleza do Gurupá pelo rumo de Norte está a boca do rio Jary na contracosta do rio Amazonas. E 9 legoas pelo rio acima estava fundado o lugar de Fragoso á parte esquerda. Experimentando-se porem aquelle sitio pouco conveniente para a conservação da saude dos seus habitantes, se passaraõ estes para mui perto da boca do rio, e á parte direita delle, aonde hoje se conservaõ. As fontes deste rio ficaõ visinhas ás do rio Yapóco referido no § 36.

42. Nove legoas da mesma Fortaleza do Gurupá pelo rumo de Oeste está a boca inferior do rio Toeré na mesma contracosta do Amazonas. E penetrando o rio 5 legoas dentro, se acha a villa de Arrayolos na margem Oriental. A villa de Espozende está na margem Occidental de um ramo do rio, e distante de Arrayolos tres legoas e meia. Da boca do rio Toeré até a Praça de Macapá corre a costa do Amazonas ao Nordeste.

43. Para continuar a viagem do Gurupá para o sertão do rio Amazonas se costea para cima a mão esquerda até á boca do rio Xingú distante do Gurupá 12 legoas, em cuja distancia, e na mesma margem está o lugar de Carrazedo longe do Gurupá 8 legoas.

44. O rio Xingú desce do Sul ao Norte paralelo ao rio Tapajós. Na sua barra tem de largura pouco mais de legoas. Augmenta-se porem muito na largura mais acima. Oito dias de viagem da sua barra o cercaõ cachoeiras. As suas florestas saõ amenas, e as praias vistosas. Dos seus matos se tem extrahi-do muito pão cravo; e ha nellas algum puchiri. Desaguaõ neste rio alguns outros, dos quaes o mais no-

tavel é o Guiriry, que nesse entra pela margem occidental. O rio Bacau é uma das reaes fontes, alem de outros, que não distão das cabeceiras do Cuyabári mais de duas legoas e meia. O mesmo suppoem alguns do rio das Mortes; mas com engano, porque este desagua no rio Araguaya.

45. Este rio foi habitado de muito gentio das nações Juruna, Taquanhapé, Cariberiz, e outras, das quaes desceu grande numero de indios, para as aldéas, que nesse se fundaraõ, cujos nomes, e situações se declararão mais abaixo. Governando o estado do Pará o Senr. João da Maya da Gama enviou a este rio uma expedição, ou tropa de resgate a beneficio dos moradores da cidade do Maranhão da qual foi primeiro cabo Thomaz Teixeira, morador da mesma cidade; segundo, e thesoureiro dos resgates, João Pimenta, e missionario o jesuita Francisco Cardozo: E se resgataraõ muitos indios de um, e quutto sexo, e de todas as idades.

46. Entrando-se pelo rio Xingú, se avista na sua margem oriental o lugar de Villarinho do Monte acima de Carrazedo quatro legoas e meia. Seguindo-se a viagem duas legoas mais de Villarinho do Monte em diante, está da outra banda o canal largo de Urucuri-caya, por onde se pode sahir ao Amazonas, como fazem muitas canoas com bastante atalho na derrota, ainda que desabrigada; por cuja razão a maior parte das canoas continuaõ a viagem pelo Xingú acima até á villa de Porto de Moz situada na margem oriental, e superior a Villarinho do Monte sete legoas: Antes de chegar a Porto de Moz em distancia de tres legoas está a povoação chamada a Boa-vista.

47. Acima da villa de Porto de Moz estão no rio Xingú tres povoações; a dizer: A villa de Veyros na

margem oriental distante dez legoas de Porto de Moz. Uma legoa mais acima, e na mesma margem a villa de Pombal. Em distancia de mais seis legoas a villa de Souzel na margem occidental.

48. Defronte da villa de Porto de Moz na outra banda do rio Xingú está a boca de um canal estreito chamado Aquiqui, que vai sahir com muitas voltas ao rio Amazonas, e pelo qual seguem ordinariamente as canoas a sua viagem para o sertão: Partindo pois de Porto de Moz se atravessa logo o rio Xingú, e se entra pelo dito canal, apressando a viagem, para sahir delle com brevidade, e fugir á grande multidão de mosquitos, que nelle inquietaõ os navegantes, principalmente no inverno. De Porto de Moz até sahir por este canal ao largo do Amazonas, são dez legoas, em cuja distancia se deixa á esquerda o rio Jaraucú, do qual se tem extrahido muito pão cravo.

49. Sahindo de Aquiqui se avista logo, ainda que confusamente na margem septentrional do Amazonas a fortaleza do Parú, e no mesmo sitio a villa de Almeirim: E se veem tambem distintamente os altos montes, que em distancia de uma até duas legoas pela terra dentro formão a dilatada cadêa, ou cordilheira de Guayana seguida de Oeste a Leste até as vizinhanças do rio Orinoco. Nestes montes, ou nos valles, e planices, que ha entre elles, se colhe annualmente muito cacão, e boa salça parrilha. Pouco acima da fortaleza, e villa de Almeirim está o rio Uacarapi, aonde houve uma povoação de indios, que se unio a villa de Almeirim.

50. Quem navegar com intento de abreviar a derrota, deve seguir sempre a margem austral do Amazonas, fazendo a viagem a remo, e a vela; porque de ordinario são certos os ventos geraes no verão, sem nun-

ca atravessar o rio, por não perder tempo, e se livrar de algum perigo: Isto é, até a altura, em que se persuadirá a travessia.

51. Da boca do Aquiqui subindo a costa austral quatro legoas e meia, fica um riacho quasi fronteiro ao rio Acarapí. E do dito riacho até o furo do canal chamado Magoarí, por onde se entra para escapar a bravessa da costa, são quatro legoas e meia. Da entrada do canal sobredito até a sahida superior tres legoas. Neste canal sahe outro chamado Guajará; que communica o Aquiqui com Magoarí, e pelo qual se costuma tambem navegar, para salvar a costa do Aquiqui até Magoarí. Da sahida superior de Magoarí até a entrada do canal, que formão as ilhas do rio Uruará são tres legoas. Este rio forma muitos lagos, e tem bastante pão cravo.

52. Da entrada do canal de Uruará até sahir á costa fronteira ao rio Urubúquara na margem septentrional do Amazonas, aonde está situado o lugar de Outeiro oito legoas pelo rio acima, e na margem oriental delle, são sete legoas.

53. Da sahida sobredita até estar defronte da villa de Monte-Alegre são oito legoas. Esta villa está situada na margem oriental, e duas legoas distante da barra do rio Gurupátuba, que desagua na margem septentrional do Amazonas. Da paragem acima dita fronteira a Monte-Alegre até a boca do rio Curuá, que fica no fim das barreiras chamadas de Cuçarí são tres legoas. Este rio desce do Sul, e é habitado de muitas nações de indios; a saber; Jurúna, Guaruará, Cuçarí, Curiueré, Jacipuya, e outras. Ha nelle muito pão cravo, e oleo de cupayba. Da sua barra até a do rio Tapajóz são 9 legoas.

54. O rio Tapajóz tem as suas fontes junto a

cordilheira das Geraes. Desce de Sul ao Norte paralelo aos rios Xingú, e Madeira, e desagua na margem austral do Amazonas em 2 grãos, e 25 minutos ao mesmo polo do Sul. Unem-se-lhe varios rios; um dos quaes é o das tres barras, que lhe é oriental, aonde o sargento mór Joaõ de Souza de Azevedo achou ouro no anno de 1746: e o rio Arinos, aonde no mesmo anno foraõ descobertas as minas de Santa Izabel por Pascoal Arruda, passando por terra do Matto-grosso ao rio Arinos; cuja jornada se faz em quinze dias, e em menos do Cuyabá.

55. Ha neste rio grandes saltos, chamados vulgarmente Cachoeiras, cravo e oleo de cupayba. As suas terras ainda saõ povoadas de muitas nações de indios infieis das quaes as mais conhecidas saõ: Tapacorá, Carary, Maué, Jacarétapiya, Sapopé, Yauain, Uarupá, Suarirana, Piriuita, Uarapiranga. Os indios das nações Jacarétapiya, e Sapopé são anthropophagos: Os da nação Yauain tem por signal distintivo um listão largo, e preto no rosto, principiando do alto da testa até a barba. Os das nações Uarupá, Suarirana, e Piriuita tem as faces matizadas com signaes pretos, que lhe fazem os paes na sua infancia com pontas de espinhos, e tinta negra applicada nas picaduras dos mesmos espinhos. Nos seus ritos, costumes e armas, são como os mais, sem especialidade notavel.

56. Na barra do rio Tapajóz á parte oriental delle está a villa de Santarem defendida de uma fortaleza. Pelo rio acima ha mais quatro povoações, a saber: A villa de Alter-do-chão na margem oriental, e superior a Santarem 8 legoas. A villa Franea na margem occidental fronteira a Alter-do-chão com a mediação de uma bahia de mais de quatro legoas, e pouco acima da barra do rio Uarapium. A villa Bo-

im distante da villa Franca dez legoas na mesma margem. A villa de Pinhel tambem occidental, e acima da villa Boim quatro legoas e meia. Os indios, que habitaõ nestas villas e em todas as mais povoações, que ficaõ do Tapajóz, para baixo, se chamaõ vulgarmente entre elles—Canicaruz—; em distincção, dos que assistem nas povoações de cima, aos quaes appellidaõ por—Yapyruára—; e vale o mesmo que —gente do sertão, ou parte superior do rio.

57. Partindo da fortaleza dos Tapajóz se atravessa a boca do mesmo rio, e se continua pelo Amazonas acima a parte austral até o sitio de Parycatyba, que dista oito legoas; e de Parycatyba até chegar de frente da fortaleza de Pauxiz, e villa de Obidos, que ficaõ dez legoas mais acima.

58. Entre o sitio de Parycatyba, e a villa de Obidos na mesma margem austral se acha a boca de um lago grande chamado das Campinas, em distancia de legoa e meia do sitio sobredito, pelo qual podem navegar canoas grandes, e sahir muito acima da fortaleza de Pauxiz, tendo pratico capaz.

59. Na margem septentrional do Amazonas entre Pauxiz, e Tapajóz desaguaõ tres rios reciprocamente communicados; por canaes, dos quaes o mais inferior é quasi fronteiro ao rio Tapajóz; e do meio ao sitio de Paricatyba, ao qual chamaõ Surubiû, aonde quatro legoas por elle acima está situada a villa de Alemquer. O terceiro faz barra duas legoas abaixo de Pauxiz, e tem o nome de Curuámanéma. Seis legoas por este rio acima esteve o lugar de Arcuzello, que presentemente está unido a villa de Obidos.

60. A fortaleza de Pauxiz contigua a villa de Obidos fica em 1 grão, e 45 minutos de latitude austral; e nesta paragem se diminue tanto a largura do rio, que

só tem 869 braças medidas trigonometricamente; porém com tanto fundo, que se não pode sondar; cujas duas circunstancias mostrão pelos principios hydrostaticos a causa da maior correnteza; e impetuosidade do rio nesta parte. Em Pauxiz ainda se fazem no verão sensiveis o fluxo, e refluxo da maré; não por retrocesso da sua correnteza, mas por se conhecer alguma intumescencia, e crescimento sobre o nível ordinario da superficie do rio. A direcção deste abaixo de Pauxiz é pelo rumo de Sueste, e para cima pelo de Sudoeste.

61. Na continuaçao da derrota de Pauxiz para cima se pôde atravessar logo em demanda da margem austral, ou costear a septentrional até o rio das Trombetas, que tendo o seu nascimento na cordilheira de Guayana, corre do Norte para o Sul, e desagua no Amazonas superior a Pauxiz pouco menos de duas legoas. Neste rio ha pão cravo, e oleo de cupayba; e o habitão algumas nações de indios. Não se tem explorado todo o seu interior. Ha porem antiga tradição, de que se communica com os dominios de Hollanda em Suriname, ou por meio do rio Urubú, ou por se unir mediatamente, ou immediatamente a algum rio, que corre da cordilheira, para o mar do Norte.

62. Do rio das Trombetas até a boca inferior do rio Neamundá na mesma margem septentrional do Amazonas, são seis legoas. E em distancia de oito legoas por este rio acima está a villa de Fáro na margem oriental, na qual se termina a capitania do Pará pela margem septentrional do rio das Amazonas, servindo a margem occidental do Neamundá de limite, e principio da capitania de S. José do Rio Negro.

63. Na boca deste rio se diz, que fôra Francisco de Orelliana accomettido por aquellas mulheres, a que chamão Amazonas, e deraõ o nome ao rio, das quaes

se conserva uma constante tradição entre os indios; posto que confusa em algumas circunstancias. Os mais delles affirmaõ, que depois de algumas transmigrações, se internaraõ as Amazonas no rio das Trombetas declarado em o § 61.

64. Vicente Maria Coronelli no seu Atlante Veneto dá por fabulosa a semelhança das Amazonas Americanas com as Asiaticas na circunstancia de naõ admittirem varões na sua republica, e buscarem fóra della os estranhos em determinado tempo do anno, para se fecundarem: E só tem por certo, que em um desembarque, que fez Orelhana nas ribeiras do rio Amazonas, o accometteraõ os indios do paiz, vindo entre elles juntamente as mulheres armadas em guerra. A favor dellas está a opiniao commua, que teve origem, e subsiste desde que Orelhana navegou por este grande rio, como se pôde ver largamente na demonstração Critico Apologetica do theatro critico universal do doutissimo Feijoo, escrita pelo mestre Fr. Martinho Sarmento, e na Illustração Apologetica do mesmo Feijoo ao 1.<sup>º</sup>, e 2.<sup>º</sup> tomo do seu Theatro critico discurso 16.

65. Naõ abono de infalivel a verdade da historia, e tradição delle. Persuado-me com tudo, que se não pôde negar sem temeridade um facto historico, attestado por Francisco Orelhana, e por todos os soldados da sua comitiva, e armada, justificado solemnemente na Audiencia Real de Quito, e na cidade de Pasto; conservado na memoria dos indios por participação dos seus maiores nos dominios de Portugal, Hespanha, e França; sendo bem inverosimil, que não tendo elles noticia das Amazonas Asiaticas, conspirassem cauzualmente para uma fabula revestida das mesmas circunstancias; e um facto em fim, que não encontra dificuldade.

dade maior; que prudentemente o dissuada; pois nenhuma ha, que se opponha invensivelmente a existencia da dita Republica, ou presente, e actual; ainda que se não saiba della; por se não ter penetrado o interior de todos os sertões; ou passada, e já agora extinta; ou porque vencida a Republica por outra nação de indios, perdesse o seu antigo costume debaixo de um domínio estranho; ou porque redusida a menor numero de individuos, por causa de guerras, e largas peregrinações, admittio voluntariamente homens na sua sociedade, como discorre Mr. de Condamine no extracto do diario da sua viagem pag. 58.

66. Nos lagos do rio Neamundá se achão, e pescaõ os peixes bois chamados de azeite, os quaes só differem dos ordinarios em terem maior altura, e tanto toucinho, e gordura, que quase se lhe naõ percebe carne alguma. Ha peixe boi destes, que rendem vinte, e mais almudes de azeite.

67. Da boca inferior do rio Neamundá se deve procurar outra vez a margem austral do rio Amazonas, para fugir do caldeirão, que fica junto á boca superior: E se continuará a viagem até o sitio chamado Maracá-uaçú-tapera, que dista mais seis legoas; e serve de limite ás duas capitarias ao Sul do rio Amazonas. De Maracá-uaçú-tapera se seguirá a viagem pela mesma costa do Sul até o primeiro furo do rio Topinambaráneas superior quatro legoas.

68. Este rio tomou o nome dos indios da nação Topinambaz, dos quaes houve uma aldêa no lago, chamado Uaicurapá, que fica á parte oriental do rio dez legoas acima da boca, de cujas reliquias principiou a villa Boim, para onde passaraõ: vulgarmente chamaõ a barra do rio Topinambaráneas boca inferior do rio Madeira; porque deste em distancia de doze legoas

da sua barra vem um furo chamado Uarariá, que sahe a Topinambaránas. Neste furo desembocaõ os rios Abacaxiz, Canumá, e Maué, o qual é habitado de muito gentio, cujas nações são: Sapupé: Cómany: Aitouariá: Acaraiuará: Brauará: Uarupá: Maturucú: Curitiá. He o Maué abundante de cravo, e excellente goaraná.

69. Huma legoa mais acima do rio Ramos, ou Topinambaránas, fica fronteira a boca superior do rio Neamundá na margem septentrional do rio Amazonas. E vencidas mais quatro legoas, o furo Limaō superior do rio Topinambaránas. Deste, ou pouco mais acima, se atravessará o rio Amazonas, procurando a parte do Norte, até a boca inferior do canal de Cararaucú distante cinco legoas. Muitos fazem travessia depois de estarem bem defronte desta boca, da qual até a superior, por onde se sahe outra vez ao rio Amazonas, são seis legoas.

70. Da sahida superior de Cararaucú se costea ao Norte até o rio Uatumá por espaço de quatro legoas. Neste rio houve uma aldêa de indios missionados pelos religiosos Mercenarios, os quaes passaraõ para a villa de Silves. Presentemente ainda é habitado dos indios das nações Aruaqui, Terecumá, Sedeuy, Paráqui, e outras. E nelle se tem achado, e colhido muito pão cravo.

71. Navegando-se mais oito legoas, se chega ao primeiro furo do lago, ou rio do Saracá; e querendo-se ir á villa de Silves, se entrará por este furo; e tendo piloto experimentado nos canaes, que formaõ as muitas ilhas, se chegará á villa, depois de navegar nove legoas. O lago de Saracá é de grande extenção, e se divide em dois reciprocamente comunicados. E a villa está fundada em uma das suas ilhas. Em um destes lagos desemboca o rio Anibá, em cuja foz, e margem

occidental esteve situada a aldêa chamada Anibá, a qual se extinguiu, por passarem os moradores della para a villa de Silves.

72. Defronte do primeiro furo de Saracá principiaõ as praias, aonde com mais abundancia costumaõ as tartarugas depôr os seus ovos. Não pretendo escrever a historia particular das tartarugas, e suas especies, nem contradizer as noticias, que dellas daõ alguns A A; porque em outras partes poderão ter notavel diferença: E só passo a diser: que as tartarugas de concha preciosa se achaõ, e pescaõ na costa seguida da cidade do Pará para baixo; e que as do rio Amazonas, e outras de agua doce, são das que se comem. Estas apenas pezaõ vivas, tres arrobas; e depoem os ovos ordinariamente por uma vez em os mezes de Outubro e Novembro, em que estaõ enxutas as praias. Cada uma depoem cento e quarenta ovos, mais, ou menos; e os escondem na arêa, não ligeiramente, mas com profundidade de dous palmos; de modo, que não é o calor do sol, sim o da arêa, o que os fomenta, e faz sahir os filhos, os ques logo, que chegaõ a agua, mergulhão sem embaraço das ondas.

73. Do primeiro até o segundo furo de Saracá pelo Amazonas acima são quatro legoas. Do segundo ao terceiro duas legoas. Vencidas mais duas legoas, se chega a villa de Serpa situada na paragem chama da das pedras pintadas; e no idioma geral dos indios: Itá-coatiara. Esta villa foi a primeira vez fundada no rio Mataurá, que faz barra na margem oriental do rio da Madeira, de que se tratará mais adiante. De Mataurá se mudou, para o rio Canumá: Deste, para o de Abacaxiz: Deste, para a margem oriental do rio da Madeira pouco abaixo do furo, de que se faz menção no § 68. E desta paragem, para a em que presentemente

está. Os seus primeiros povoadores forão os indios da nação Ururiz, aos quaes se aggregaraõ os da nação Abacaxiz, e de outras muitas.

74. Da villa de Serpa se segue em distancia de tres legoas o quinto furo de Saracá chamado Aybú; e na distancia de mais meia legoa o sexto furo, a que chamaõ Aranatô, pelo qual desagua o rio Urubú, que desce dos montes, que formaõ a cadea, ou cordilheira chamada de Guayana. Foi antigamente habitada de muito gentio: E presentemente só se conserva nelle o da nação Aroaqui. Nelle esteve em outro tempo fundada uma grande aldêa administrada pelos religiosos Mercenarios: E se extinguiu, fugindo os indios seus habitantes, depois de tirarem a vida ao seu missionario o padre Fr. Joaõ das Neves, animados de um espirito de rebelião, e á impulsos da sua natural inconstância na firmeza da sua fidelidade: Das fontes deste rio ha tradiçāo constante, que vencidas algumas serras da cordilheira, se descobre um rio, cujas aguas correm para a costa de Suriname.

75. De Aranatô até chégar defronte da barra do rio da Madeira saõ cinco legoas. Este grande rio desce do Sul ao Norte, e desagua na margem austral do Amazonas em 3 grãos, e 25 minutos. Mr. de Condamine diz na pag. 73 do seu Diario, que o rio Madeira corre paralelo ao rio Bani, ou Bení, que supoem ser o que na sua barra se chama Puruz, e de que se tratará nos §§ 89, e 90; no que padeceu grande equivocação; porque o rio Bení junto com o Inym formaõ o verdadeiro rio da Madeira; que conflue com o manoré entre a quinta cachoeirā chamada da barra na altura de quase dez grãos, depois do ultimo haver recebido em si as aguas do Guaporé na altura de quase onze grãos. Na oriental do rio Madeira desaguaõ os rios

Aripuana, Mataurá, dos Marmelos, Araraparaná, Unicoré, Uriponi, Paraxiaõ, Giparana, e Jamary, acima do qual principiaõ as catadupas, ou cachoeiras. Ha no rio da Madeira muito cacáo, e gentio, cujas nações mais conhecidas, e distinctas são: Arara, Marupá, Pama, Turá, Matanaui, Orupá, Tocumá, Mamí, Cauaripuná, Yuquy, Yauaretiuara.

76. Governando o estado do Pará o Senr. Christoval da Costa Freire, fez uma expedição de guerra contra os indios da nação Turá, por varias irrupções, que fizeraõ ás aldéas de Canumá, e Abacaxiz, e hostilidades, que praticaraõ. Foi commandante da expedição o capitaõ mór da praça Joaõ de Barros Guerra, que recolhendo-se obrigado por uma molestia, teve o infortunio de naufragar, e morrer; por occasião de um grande pão, que da margem do rio cahiu sobre a embarcação, em que vinha. Na sua ausencia continuaraõ as diligencias da guerra, dirigidas pelo capitaõ de infantaria Diogo Pinto da Gaya, e pelo sargento mór das ordenanças Francisco Fernandes. Reduzidos os indios a ultima consternação, pediraõ paz, que lhe foi concedida com a condição de se descerem, e aggregarem a aldêa de Abacaxiz, hoje villa de Serpa; ficando porém muitos, que por mais remotos não foraõ invadidos, ou escaparaõ do furor da guerra.

77. As margens do rio Madeira saõ habitadas pelos indios da nação Mura, que são de corso; não admitem paz, nem falla; e costumaõ accometter, matar e roubar aos navegantes: Não passaõ com tudo do rio Jamary para cima.

78. Na margem oriental do rio Madeira, e distante da sua barra 24. legoas está fundada a villa de Borba. A sua primeira situaçao foi no rio Iamary, da onde se mudou para Camuam na barra do rio Gipa-

raná; e ao depois para Pirocam, ou Paraxiaō, e ultimamente para a paragem chamada Trocano, onde presentemente está; sendo causa das suas mudanças à persiguiçāo, que faziaō os Muras aos seus moradores.

79. Distante do rio Madeira uma legoa faz barra na margem austral do Amazonas o rio Uautaz, que se communica com o Madeira, e é habitado do gentio Moura. E na distancia de tres legoas seguidas defronte do mesmo rio da Madeira pela margem septentrional do Amazonas, por onde se costuma a continuar a viagem, fica o primeiro furo do rio Matary: E entrando-se por elle, se sahe ao Amazonas pela boca superior, depois de se navegar cinco legoas entre ilhas, e por canaes largos. Veja-se o § 86.

80. Nas ilhas, que estaō na barra de Matary, por serem grandes, e de terra alta, fundaraō em outro tempo os religiosos Mercenarios algumas aldeas de indios, que tiveraō pouca duração. Neste rio ainda habitaō os indios das nações, Sapopé, Aroaquy, e Piriquita.

81. Da sahida superior de Matary se segue em distancia de seis legoas, e na mesma margem septentrional a Ponta de pedras, a que chamaō Puraquécóara, e vale o mesmo, que Lugar, ou buraco das Tremelgas; por haverem muitas neste sitio.

82. Mr. Laurencini citado no Diccionario de Dombes verbo Torpille diz, que as Tremelgas de maior grandeza pezão de dezoito a vinte e quatro libras; e que é preciso tocallas immediatamente com a mão em dois musculos, que as cingem, e donde reside o seu veneno, para se sentir o estupor, que produzem: Neste estado ha Fremelgas de quarenta, e mais libras. Ellas são diferentes, das que ha nas costas da Europa, e África, por terem estas alguma semelhança com as arraias, e aquellas com as enguias e cobras. Em qual-

quer parte do corpo, que se lhe toque com a mão, ou com instrumento de pão, ferro, ou aço, cauzaõ o referido estupor, e mais intenso, sendo feita a percussão com instrumento de ferro, ou aço. A sensação, que se sente no braço, he levemente dolorosa, como affirma o Doutissimo Feijoo: (a) Porem o estupor é na verdade maior, do que supoem este Autor; e bastante, para fazer morrer afogados a muitos homens, e outros animaes, quando encontrando-os as Tremelgas em algum rio, ou lago, se esfregaõ por elles de modo, que por intorpecidos não podem nadar. O mesmo Mr. Laurencini colloca as Tremelgas na classe dos viviparos. O certo é, que ellas tem óvos semilhantes aos do peixe Araúaná; e depois de vingados os óvos, e sahirem delles os filhos, é que os criaõ, e agazalhão entre as guelras, como fazem os peixes chamados Piráurucús, e outros.

83. Como na sobredita ponta de Puraquecôara ha uina impetuosa correnteza, que faz trabalhosa a passagem das canoas, principalmente sendo grandes; e mais adiante se achão umas lages de pedras, e nellas outra correnteza tambem grande; será conveniente, que pouco antes de chegar a Puraquecôara, se procure a margem austral do rio, e nelle o lago chamado de El Rey, que está fronteiro á ponta do Puraquecôara.

84. Passadas 5 legoas seguidas da ponta sobredita, fica a barra do grande rio Negro na margem septentrional do Amazonas em altura de 3 gráos e 9 minutos ao Polo do Sul com direcção de Oeste para Leste quase paralelo ao rio Amazonas, ao qual na sua continuaçao da barra do rio Negro em diante chamaõ vulgarmente rio dos Solimões; por serem da nação Sorimão os indios, que em outro tempo habitavão nas suas mar-

---

(a) Theatr. crit. tom. 2. Disc. 2. n. 56.

gens e ser costume introduzido entre os indios attribuir aos rios a denominação do gentio mais dominante delles. Em o lugar de Alvellos, e na villa de Ega ainda ha indios da nação Sorimão, que por corrupção do vocabulo se diz Solimão.

85. O rio Amazonas, e os mais que nelle desaguão, depois de passada a barra do Rio Negro, são abundantissimos de cacáo, salça, e mais generos, como o testefica a continuada experientia das suas colheitas; fazendo estas o mais grosso ramo do commercio do Pará. As suas margens são infestadas do gentio Mura, que tem morto a muitos passageiros. Alem deste perigo, ha tambem o de algumas arvores, que cahem, por lhes escapar a correnteza do rio a terra em que prendem as raizes. Ha sitios, aonde cahem grandes porções de terra com muitas arvores, e grandissimo risco das canoas, que precisamente navegaõ em pouca distancia da terra para vencerem com menos dificuldade a correnteza do rio.

86. Quem houver de navegar pelo Amazonas, sem tomar o rio Negro, pode escuzar a viagem, que se descreve no § ou numero 79 em diante, porque pouco menos de duas legoas acima do furo superior de Matary fica fronteiro na margem austral do Amazonas um canal largo chamado Uaquirí, pelo qual de dia e meio se sahe do Amazonas pouco acima da barra do rio Negro.

87. A viagem do Amazonas se pode fazer por qualquer das suas margens. Seis legoas por elle acima está na margem septentrional o furo de Guariba, ou Guaribóca, que de inverno communica o Amazonas com o rio Negro um dia de viagem acima da sua barra. Passadas mais oito legoas desagua na mesma margem o rio de Manacapurú, que é de agua preta, e do

qual se tem extrahido muita salsa, parrilha, e oleo de cupayba. Pouco abaixo deste rio está a Feitoria ou Pesqueiro das Tartarugas, para a sustentação da tropa militar, que guarnece a villa capital de Barcellos no rio Negro.

88. Superior ao rio Maracápurú, e distante delle doze legoas, fica na mesma margem o sitio chamado Guajarátiba, aonde esteve em outro tempo situado o lugar, que hoje é de Alvellos. E na eneada seguinte uma correnteza pouco impetuosa, a que chamaõ os indios: Iuruparipindá—isto é; Anzol do Demonio.

89. Na margem austral, e duas legoas acima do sitio Guajaratiba desagua o grande, e famoso rio dos Purús em 3 gráos, e 50 minutos de latitude austral. Alem desta barra, que é a principal tem mais quatro. A saber: o canal do Paratary, que sahe duas legoas acima do rio Manacápurú, que está na costa fronteira. O canal de Cochiará superior a barra principal oito legoas. O canal de Coyúaná seis legoas e meia acima de Cochiará; e o canal de Aruparaná, que fica na eneada seguinte de Camará.

90. O rio Puruz tem o seu nascimento no reino do Perú; e corre paralelo ao rio Madeira de Sul ao Norte. Alguns confundem a parte superior deste rio com o Bení, que julgaõ ser o mesmo Puruz; porém indevidamente, segundo, o que fica dito no § 75. Neste rio tem os seus domicilios os indios das nações Catauixí, Itatapiiya. Os das nações Irijú, e Tiari estão quase extintos, depois que se desceraõ para a villa, que hoje é de Serpa, e para o lugar de Alvellos, quando estava situado no canal de Paratarí, como adiante se declara. Entre os rios, que desaguaõ no Amazonas é o Puruz dos mais ricos de cacáo, salsa parrilha, e oleo de cupayba.

91. Passada a enceada de Camará, e em distância de quatorze legoas e meia do canal de Coyuaná, de que se fez menção no § 89 desagua no Amazonas o rio Mamiá: E navegando-se mais cinco legoas pela mesma margem austral, se chega à barra do rio Coari, do qual se tratará no § 95 em diante.

92. Acima da enceada, e correnteza de Iuruparihindá, de que se deu notícia no § 88, se seguem, na margem septentrional, os riachos Guanamá, Manurí, e superior a este, a correnteza, a que chamaõ os indios —Arauanácoara: isto é: buraco dos peixes Arauanaz. Segue-se mais adiante a primeira barra de Cudayá defronte, porem meia legoa mais abaixo do canal de Coyuaná declarado no § 88. Cudayá é a boca mais inferior do rio Iupurá. No mappa de Mr. de Condamine está apontado abaixo de Cochiará, sendo que lhe fica superior seis legoas.

93. Na margem direita do canal de Cudayá desaguaõ muitos lagos, aonde habitavaõ antigamente os indios da nação Uayupí, que se aggregaraõ ao lugar de Alvellos, estando em Parratari. Presentemente estão ocupados do gentio Mura. Por um destes lagos chamado Atiniueni se communica o Cudayá com o rio Unini, que desagua na margem austral do rio Negro, e cuja situação se declarará na derrota, ou navegação do dito rio Negro: E por outro lago com um ramo do riacho Quiyuni, que faz barra na mesma margem do rio Negro. Huma, e outra comunicação não é imediata; porque em qualquer dellas medea porção de terra, sendo menor a que intercede o lago de Cudayá, e o ramo do Quiyuni, da que fica entre o Ateniueni, e Unini.

94. Depois da primeira barra de Cudayá, se segue a segunda; e superior a esta o canal das Iuçaras,

que é a segunda boca, por onde as aguas do rio Iupurá entraõ no Amazonas; e fica pouco abaixo da barra do rio Coari, que está na margem opposta, como se disse no § 91.

95. O rio Coari desce de Sul para o Norte; e fica a sua barra principal em 4 grãos de latitude austral. Chamo a esta barra principal, porque tem outra pouco mais superior, e bastante estreita. A largura deste rio é de duas legoas; posto que ella se diminue muito em poucos dias de navegação. He inavegavel um mez, ou pouco menos. E segundo as informações de alguns indios da nação Catauixi, que desceraõ delle, para Alvellos, tem a sua origem, e fonte em uma campina larga, e dilatada. Não achei todavia a noticia, que dá Mr. de Condamine, (a) e me parece mui provavel, de que na dita campina fora visto gado vaccum. Dobrada a ponta, em que está o lugar de Alvellos, se vem tres rios differentes, que fazem barra na mesma bahia, ou tronco. O primeiro, e o mais oriental é o Coari continuado. O segundo é o rio chamado Urucúparaná. O terceiro, e o mais occidental é o rio Urauá, ou Cuanú, cujas navegações tambem não saõ dilatadas.

96. Em o rio Coari habitaraõ em outro tempo os indios da nação Catauixi, e Iuma, dos quaes se desceraõ alguns, para o lugar, que hoje é de Alvellos. Porem depois de introduzidos os Muras no dito rio, passou o resto d'aquelles indios, para o lago Tabauaõ, que desagua na margem occidental do Puruz, e para o rio Iuma. As aguas do rio Coari são negras: As suas margens, e praias mui vistosas: He abundante de tartarugas, e peixe. Tem oleo de cupayba e alguma salsa.

---

(a) No extracto do seu Diario pag. 49.

97. Quatro legoas acima da barra do Coari está situada na margem oriental delle o lugar de Alvellos. A sua primeira fundação foi no canal de Paratari declarado no § 89 na margem esquerda, e oito legoas acima da sua barra. De Paratari o mudou o P.<sup>e</sup> Fr. José da Magdalena Carmelita, para o riacho Uanamá, indicado no § 92 á parte direita delle, e meia legoa com pouca diferença acima da sua barra. De Uanamá o mudou o P.<sup>e</sup> Fr. Antonio de Miranda, para o sitio de Guajarátiba, de que se tratou no § 88. De Guajarátiba o mudou finalmente o P.<sup>e</sup> Fr. Mauricio Moreira, para o rio Coari, aonde presentemente está. Compoem-se de indios das nações Sorimão, Uamarú, Catauixi, Iuma, Cochiará, Irijú, e Uayupí.

98. Como na distancia que medeia entre o rio Coari, e o de Tefé na margem austral do Amazonas é maior o perigo, que ameaça o gentio Mura, se poderá continuár a viagem pela margem opposta. Porrem havendo de seguir-se a meredional, se navegará pelas costas seguintes de Tauáná, Tabatinga, e Mutumcoára até o rio Catuá, distante do Coari doze legoas. Vencidas mais seis legoas, se chegará ao rio Cayamé, abundante de salsa parrilha, depois de deixar na mesma margem o riacho Giticaparaná, que val o mesmo, que rio das Batatas, e desagua em um canal formado por uma ilha vesinha á margem do rio. Passadas mais cinco legoas, se chegará a barra do rio Tefé, de que se dará mais noticia do § 100 em diante.

99. Em toda a distancia do rio Coari até o de Tefé só se achaõ na margem do Norte dous canaes; o primeiro chamado Copeyá fronteiro a costa de Tauáná; e é a terceira boca do rio Iupurá; e o segundo chamado Uananá fronteiro, e pouco acima do furo, ou

sahida superior de Giticaparaná, e é a quarta boca do Iupurá. No mappa de Mr. de Condamine está indicado o Uananá entre o Coari, e Catuá, devendo estar entre o Catuá, e Cayamé, no lugar em que o mesmo mappa aponta a quinta boca.

100. O rio Tefé (Tepé lhe chamavaõ os antigos) é de largura pouco menor, que o Coari. Desce de Sul para o Norte, e desagua no Amazonas em 3 gráos e 18 minutos ao Sul do Equador. As suas aguas são negras: He navegavel dois mezes com pouca diferença: E se acha ainda nelle alguma salsa parrilha.

101. Huma legoa por Tefé acima está situada na sua margem oriental a villa de Ega habitada de indios das nações Sorimão, Uayupi, Coretú, Coérúna, Iuma, Yupicuá, Tamuána, e Achouari. Ella foi fundada a primeira vez na ilha chamada dos Veados fronteira a Giparaná, cuja situação declarará o § 126, de onde a mudou seu Missionario Fr. André da Costa para Tefé.

102. Em distancia de duas legoas e meia pelo rumo de Poente 4.<sup>a</sup> de Noroeste está na margem occidental do rio Tefé o lugar de Nogueira povoado de indios das nações Ambuá, Iuma, Yauaná, Cyrú, Uarupi, Catauxi, e Mariárana: Esta povoação foi situada na margem austral do Amazonas, seguida imediatamente do canal apontado no § 103, para cima, de onde passou para a ponta chámada Parauari, cuja situação mostrará o § 104, da qual ultimamente a mudou em 1753 seu Missionario, que então era o P.<sup>e</sup> Fr. José de S. Thereza Ribeiro, para o sitio em que agora está.

103. Havendo de continuar-se a viagem do lug-  
gar de Nogueira, se buscará outra vez a barra do Tefé:  
Porem, sendo no inverno, se pode navegar por um

canal, que fica ao Norte de Nogueira, e sahe ao Amazonas entre a barra do Tefé, e o lugar de Alvarães situado na entrada, e margem oriental de um riacho chiamado Urauá superior a Tefé cinco legoas. Neste lugar habitaõ os indios das nações Ambuá, Uarú, e Cocá. A sua primeira fundaçao foi na margem septentrional de um canal, que despedido do Iupurá, sahe na margem occidental do lago Amaná, de que tratará o § 114: E tendo-o desamparado os indios seus habitantes, passaraõ os poucos, que ficaraõ, para o sitio, aonde actualmente estaõ, as diligencias de Giraldo Gonçalves Bitencourt, que restabeleceu o dito lugar em 1758; e sendo nomeado director delle o augmentou com a agregação de mais indios descendidos do Iúpurá.

104. Legoa e meia acima do lugar de Alvarães, e na mesma margem austral do Amazonas fica a ponta chiamada Parauaxi. Nesta diz Mr. de Condamine pag. 53, e 54 do seu Diario, que estivera a Aldêa de Ouro, aonde o capitão mór Pedro Teixeira erigio um marco, e tomou solemnemente posse por parte da Corôa Portugueza em 26 de Agosto de 1639. Funda-se em que no auto da posse se faz menção dos Guayariz defronte das bocainas do rio do Ouro. E supondo, que a diçao —Pará— no idioma geral dos indios do Brazil equivalle, ou significa —Rio— infere, que o nome —Paraguari— vale o mesmo, que rio dos Guariz, ou rio que banha a terra dos Guariz: Consequentemente, que em Paraguari se tomara aquella posse; e que o Iupurá é o rio, cujas bocainas se declaraõ fronteiras.

105. Para o exame desta questião seria necessário maior extençao, da que permite este Roteiro. Apontarei todavia as noticias, que bastaõ para desvanecer a conjectura de Mr. de Condamine. A' ponfa

raruari— e não Paraguari: E no idioma geral dos mesmos indios se não denomina o rio Pará—mas sim—Paraná. E ainda que se verificassem estas duas suposições; isto é; que a ponta se chamasse Paraguari, e a dicção—Pará—fosse propriamente significativa do rio, ou se conceda, que o nome—Paraguari se acha syncopado, por se lhe tirar a syllaba —na—; não podia legitimar-se a etymologia, que inculca Mr. de Condamine; por dous motivos.

106. O primeiro, porque na invariavel frase do idioma geral dos indios do Brazil, concorrendo dous substantivos, precisamente se antepoem o do genitivo ao do nominativo, sem que possa descobrir-se exemplo contrario: E por isso havendo de significar-se o rio dos Guariz, se deve dizer indispensavelmente —Guariparaná, e não Paraguari; porque deste modo vale o mesmo, que—Guari do rio. O segundo; porque na ponta referida, ou suas vizinhanças, nunca houve gentio, ou outra qualquer cousa com denominação de Guariz, ou de Gayariz.

107. Não ha precisão de se dar origem a todos os nomes, porque só dependem de uma livre, e voluntaria imposição dos homens: Nem é facil saber-se a etymologia dos nomes, que a tem, ignorando-se a linguagem, dos que os imposeraõ: O que succede em muitos nomes destes Sertões impostos pelos seus primeiros habitantes, e conservados até agora. No caso de ser o nome Parauari imposto pelos indios, que uzavaõ da lingua geral, e havendo de buscar-se-lhe alguma etymologia, é mui natural, que se derivasse do nome Parauai, que significa —Papagainho—; talvez porque fossem vistos muitos Papagaios desta especie n'aquelle sitio; e que ao depois se acrescentaria na pronunciaçāo mais um -r- para se dizer Parauari, em vez de—Parauai.

108. O Padraõ, ou Marco, foi erigido pelo capi-tão mór Pedro Teixeira na margem septentrional do rio Napo alguns dias de viagem por elle acima, aonde se achão verificadas todas as indicações do auto da posse. Julgando o Senr. Alexandre de Souza Freire no tempo, que governou o Estado do Pará, que já es-taria corrupto o sobredito Marco, despedio para o re-novar Belchior Méndes de Moraes com uma escolta de quinze soldados, e dois sargentos; o qual chegando ao rio Napo, achou, posto que mui damnificado, o Marco no sitio confrontado em o auto da posse; e erigiu outro, estando presente o jesuita João Baptista Juliaõ superior das Missões de Quito, que andava em visita.

109. Este facto desvanece evidentemente a con-jectura de Mr. de Condamine; e muito mais se se at-tender a que sempre os Portugueses conservaraõ a posse do Amazonas de Parauari para cima, pratican-do todos os actos della na navegação do rio; na ex-tracção dos seus generos, na reducção dos indios seus habitantes, e na fundação de muitas colonias; não ob-stante, as contrarias deligencias dos Jesuitas Hespanhoes, que pertenderaõ arrogar a si o dominio, e posse do rio Amazonas até a barra do cañal de Cuchiuará, como confesssa o mesmo Mr. de Condamine na pag. 53; e sem embargo do atentado do Jesuita Samuel Fritz que descendo pelo rio abaixo com animo de privar os Portuguezes da posse, e fazel-a sua, sugeriu praticas aos indios Cambebas, ou Umauás, para os reduzir á sua communhão, e mudal-os das ilhas, em que habi-tavão, para as margens do rio, tratando-os por seus Catecumenos.

110. Mr. de Condamine, talvez, por não ter mais noticias, das que a seu favor lhe comunicaraõ os

Jesuitas de Hespanha, affirma absolutamente na pag. 42 do mesmo Extracto, que os Portuguezes principiaõ a allegada posse do anno de 1710 em diante: E parece attribuir-nos violencia, por dizer na pag. 34, que no mesmo anno, espantados dos Portugueses os indios Cambebas, ou Umauás (este é o verdadeiro nome da nação, e não Omaguá) reduzidos ao gremio da Igreja pelo Jesuita Samuel Fritz, abandonaraõ as suas terras, e subiraõ pelo rio acima, até o sitio, donde fundaraõ a sua nova povoação. Porem esta asserçao é mui livre, e a convence a verdade do facto, que foi pelo modo porque vou a dizér.

111. Em o tempo da guerra entre Portugal, e Hespanha pela alliança de Carlos 6.<sup>o</sup>, se quiseraõ aproveitar os Jesuitas de Hespanha d'aquelle oportunidade para a execução dos seus intentos; e a este fim fizeraõ descer pelo rio abaixo no anno de 1709\* muitos brancos, indios, e mistícos, os quaes chegando a nossa povoação de Nogueira, que estava então situada junto ao canal declarado no § 102, prezionaraõ nella o missionario Fr. Balthazar da Madre de Deos religioso carmelita, e douz brancos: Levaraõ todos os indios, que tinhamos em uma povoação fundada na margem septentrional do Amazonas em o sitio chama-do Tayaçutyba fronteiro, é pouco mais acima do rio Iuruá, com os quaes estabeleceraõ os Jesuitas Hespanhóes a aldêa, a que deraõ o nome dos Iurimaguás. Levaraõ finalmente alguns indios Cambebas das qua-tro povoações, que então dominava-mos: A saber: S. Paulo, hoje villa de Olivença: S. Christovaõ, hoje lu-gar de Castro de Avelãas: N. Senhora de Guadalupe, hoje lugar de Fonte-boa: S. Mathias, que se encorpo-rrou com Castro de Avelãas; e os estabeleceraõ na aldêa, a que chamaõ os Hespanhóes S. Joaquim.

112. Logo que chegaraõ estas noticias ao Senr. Christovaõ da Costa Freire, que governava o Estado do Pará, despedio uma grossa tropa commandada por José Antunes da Fonceca, o qual subindo pelo rio das Amazonas, prisionou em uma ilha o Jesuita João Baptista Sana, e outras mais pessoas: E chegando a aldêa de Santa Maria maior, recobrou o nosso Missionario Fr. Balthazar da Madre de Deos, e outros Portuguezes.

113. Este é o unico facto, á que pôde referir-se Mr. de Condamine, pelo qual se mostra contra elle 1.º: Que já n'aquelle tempo tinhamos acima de Parauarí quatro povoações de Cambebas, ou Umauás, alem de outras de diferentes nações de indios. 2.º: Que os Cambebas forao para a aldêa de S. Joaquim, não espantados dos Portuguezes, com os quaes viviaõ em boa harmonia, e ficou a maior parte conservada até agora nas tres povoações de Olivença, Castro de Avelãas, e Fonte-boa; mas sim levados violentamente pelos Hespanhoes. 3.º: Que a expedição Portugueza foi posterior a hostil invazão dos Hespanhoes, e dirigida unicamente a restituiçao da nossa posse, e prisioneiros, e para desafrontar as nossas armas.

114. Defronte da ponta de Parauarí está a quinta, e principal barra do rio Iupurá, em 3 grãos ao Sul. Elle tem a sua origem em uma serra, que fica ao oriente de Popayão, e corre de Oeste a Leste, paralelo aos rios Negro, e Amazonas. Os Hespanhoes chamaõ á parte superior delle, Caquetá. Os Portuguezes dão a todo o rio o nome de Iupurá, que lhe imposeraõ os indios, por ser mui usual entre o gentio delle, uma massa branda, negra, e de ingratissimo cheiro feita de certas frutas chamadas Yupurá (assim pronunciaõ também os indios o nome do rio) depois de corruptas, a

qual come com o seu pão, ou beijú, e com tudo, o que lhe parece: E tambem por serem da nação Yupurá os indios, que antigamente habitavaõ nas margens deste rio, dos quaes se achão ainda presentemente muitos acima das catadupas. He o Iupurá abundante de cacao, salsa parrilha, bainilhas, e oleo de cupayba. Quatro dias por elle acima está fundada de novo em a sua margem septentrional uma povoação com a invocação de S. Antonio no sitio, a que chamaõ os indios Imarí, que no idioma dos Manaos significa terra quebrada entre os dous lagos Amaná, que lhe é inferior, e distante dous dias de viagem; e Ayamá superior, e em pouca distancia. Compoem-se a dita povoação de indios das nações Mariárana, e Iurí.

115. Nesta mesma margem continuada do lago Aymá até as catadupas, desaguaõ no Iupurá pela ordem, com que vaõ escriptos, o riacho Maraá, ao qual Mr. de Condamine dá o nome de Maraki, e julga ser lago communicado com o Urubaxi, que desagua na margem meredional do rio Negro, sendo que na verdade é riacho, e sem a attribuida communicação: O lago Cumapí: O riacho Meuaá, que é o que se comunica com o Urubaxi, não immediatamente, mas mediando entre as suas fontes uma pequena porção de terra, por onde com facilidade se puxaõ as canoinhas: Os rios Puapuá: Amaniýúparaná comunicado por modo semelhante com o rio Inuuixi, ou Ueniuixi, que tambem desagua na margem austral do rio Negro: Uacapúparaná: Yacarapi: Apuapuri comunicado com o rio Coapez, como se explicará tratando da navegação do rio Negro. Alem das catadupas, e até onde tem navegado os Portuguezes fazem barra nesta margem os Murutiparaná: Uaniá: Iraparaná, e Yari.

116. Nos rios declarados habitaõ os indios das

nações Mariárana: Mepuri: Poyána: Coerúna: Gepuá: Coratú: Yueúna: Mauayá: Araruá: Periatí: Miranha: Cauiyari: Yupurá: Macú.

117. Na margem austral de Iupurá, da sua barra até as catadupas desaguaõ pela ordem seguinte os rios Acanauí: Mauarapi: Yuamiuacú: e Yuamimerim verdadeiramente são barras do Poreo. A razão porque os indios chamaõ a primeira barra Yuamiuacú; isto é Yuami grande, é porque se despede do Poreo na conjuncção do rio Yuami, que desagua na margem oriental do mesmo Poreo. A segunda barra chamaõ Yuamimerim; isto é, Yuamipequeno; porque nasce, e sahe do canal chamado Yuamigrande. Seguem-se os rios Cunacuá, e Arapá. Na parte superior das catadupas (estas distaõ da barra um mez de viagem) desembocaõ os rios Cauinari, e Metá. O rio Poreo tem communicaçao com o rio Içá, vencendo-se pouca porção de terra. O rio Metá a tem immediata, não por si, mas pelo rio Peridá, que nelle desagua em a margem occidental; e é habitado do gentio do mesmo nome.

118. Nos rios acima nomeados habitaõ os indios das nações Muruuá: Cayuuicena: Pariana: Yupiuá: Tamuaná: Paráuama: Iuri: Passé: Xomana: Xáma: Purenumá: Tumbira: Ambuá: Chituá: Periatí: e Peridá.

119. Os indios da nação Passé tem por distintivo uma malha negra, que principiando nas maçans do rosto, e comprehendendo parte do nariz, desce até abaixo da mandibula inferior, aonde se quadra perfeitamente. Da raiz do cabello sahe um risco negro, que, passando por entre os olhos, se termina sobre o nariz na malha que cobre. Das temporaes de ambos os lados decem muitos riscos negros, que fazem uma gelosia de largura de polegada e meia, que chega pelo compri-

mento á malha grande sobredita. Na extremidade inferior das orelhas tem um furo largo, em que mettem pedaços de flexas; e outro no beiço de baixo, o qual tapaõ com uma chapa esferica de pão preto da grandeza de uma moeda de cobre de dez réis.

120. Os das nações de Iuri, e Xama tem a mesma malha: Porem mais pequena, e só lhe cobre os labios; e um risco negro dos cantos da boca atē as orelhas, as quaes são furadas. Os da nação Xumana tem os mesmos signaes, só com a diferença, de que os riscos dos cantos da boca não chegaõ as orelhas: Estas são tambem furadas. Os varões trazem nellas penduradas anneis grandes feitos de semente da fructa chamada Tacumá; e as mulheres, pennas de Tocano. Os da nação Tumbira tem todo o rosto negro, e uma chapa tambem negra, e esferica no furo do beiço inferior. Os da nação Ambuá só tem furado de ambos os lados, e tambem outro furo entre a cartilagem do meio, e a extremidade correspondente. Os da nação Miranha, são semelhantes aos Chituaz, menos no furo entre a cartilagem, e a extremidade do nariz. Os das nações Yupiuá, Mauaya, Araruá, e Periati só tem furadas as extremidades inferiores das orelhas, para as ornarem com pennas de Tocano. Os da nação Pariána tem os mesmos furos nas orelhas, e um risco negro sobre ambos os beiços pelo comprimento delles. Os da nação Tamuána tem os beiços inteiramente negros. Os das nações Gepuá, Coretú, e Coeruna trazem no furo do beiço inferior uma chapa branca da grandeza de uma moeda de dez réis, feita ou de louça branca, e grossa, que compraõ, ou da rezina de Iutai. Os da nação Yucuná só trazem penduradas nas orelhas umas chapinhas de arame, ou lataõ, que tiraõ das guarnições de algumas armas de fogo. Alguns dos da nação Ca-

uiyari foraõ vistos em outro tempo com folhetas de ouro nas orelhas. Veja-se o que adiante se dirá tratando do rio Goapez em a navegação do rio Negro.

121. Dos indios, que habitaõ no Iupurá só são antropofagos os das nações Miranha, e Umauá. Para a caça uzão todos de esgravatana, e para a guerra de escudos cobertos de peito de Iacaré, ou couro de Anta, Cuidaruz, que são uns páos de cinco palmos mais e menos de comprido, chatos, bem levigados, esquinados, de duas polegadas de largo, e mais largos para a ponta, e lanças feitas de pão vermelho, cujas pontas, e tambem as das flexas, que despedem com as esgravatanas são envenenadas. O veneno é feito da cortiça de certo cipô, ou pão flexivel chamado Uyrari de superficie escabrosa, um palmo mais e menos de deametro, e folhas como as da Maniba. Moida a casca, ou cortiça do dito cipô, e borrisfados os poz com agua, as poem a destillar, e o sumo, que corre, fervem ao fogo até ficar em consistencia de extracto, ou unguento. Ao dito Uyrari ajuntaõ os sumos de outros cipôs, e varios venenos, que conhecem, para o fazerem mais activo.

122. Nas suprstições, instrumentos, adornos de penna, nudez, banquetes, bailes, e festas semelhantes as Floraes, Bacchanaes, e Luperæas dos antigos Romanos, são como os mais. Os da nação Xumana costumaõ queimar os ossos dos defuntos, e beber as cinzas com o seu vinho, na errada intelligencia, de que as almas assistem aos ossos, e que bebidos estes, tornão a viver os defuntos nos que lhe beberão os ossos. Morrendo algum dos seus principaes, fazem, passados alguns dias, um publico, e geral banquete na casa, em que viveo, e foi sepultado. Os indios de todas as maiores nações ordinariamente são sepultados em talhas grandes. Os da nação Passé, depois de corruptos os

corpos nas talhas grandes, trasladão os ossos, para outras mais pequenas com muitos bailes e festas. Entre os indios desta nação achei, que ha tal, ou qual filosofia, posto que errada. Tem por certo haver um Creador do Universo, cuja naturesa ignorão. Dizem que as almas, dos que viverão virtuosamente, vão viver com o Creador, e as dos que procedem mal, ficão no mundo e são os demonios: Que o sol é firme, e quieto, como no systema copernicano, e o movimento é só da terra, e necessário para ella se fecundar em todas as suas partes com o calor do sol: Que só ha dois astros a saber: o sol e a lua; esta para dar luz de noite, e aquelle de dia. Que o espaço superior ao sol, e a lua está dividido do espaço inferior por uma aboboda azul por modo de geolozia; e que como todo o espaço superior é luzido, por ser habitação de Deos, descem varios rayos d'aquellea luz pelos intersticios da abobada, os quaes se nos representão como estrellas. Que os rios, e riachos são arterias, e veias do corpo da terra, e que as correnteas dos mesmos rios é causada pelo movimento da terra.

123. As lingoas são diferentes, umas com pronunciaçāo aspera, e outras suaves. Nas dos indios da nação Xomána ha alguns nomes proprios com significações bem energicas. Chamão ao sol, syma, que significa astro cálido. A' lua, Uaniú, que significa astro frio. As estrellas, vuete, que significa astro luzente. Ao rayo, yuui, que significa o estrondo, ou o esfondoso. Ao trovão, quiriuá, que significa annuncio da chuva. Ao relampago, pelú, que significa cousa pavoxosa. A aurora, samataca, que significa principio do dia.

124. Pouco mais de vinte legoas acima de Parauari desemboca na margem meredional do Amazonas

o rio Yuruá chamado vulgarmente entre os brancos Juruá, em dous grãos e meio de latitude austral, desendo do reino do Perú, com direccão do Sul, para o Norte. He abundante de salsa parrilha. O seu curso é dilatado, e o seu interior pouco penetrado dos brancos. Delle se tem extrahido muitos indios para os lugares de Alvellos, e Nogueira, pelos quaes, e pelos que o tem navegado se sabe haverem nelle muitas nações de indios, das quaes as mais conhecidas são: Cauaxí, Uacarauá, Marauá, antropofagos, Catuquina, Urubú, Gemiâ, Dachiuará, Maliâ, Chibará, Bauarí, Arauarí, Maturuá, Marunacú, Curiuaá, Paraú, Paipumá, Baibirí, Buibaguá, Toquedá, Puplepá, Pumacaá, Guibaná, Bugé, Apenari, Sutaá, Canamarí, Aruná, Yochinauá, Chiriiba, Cauána, Saindayuuí, Ugina, a qué tambem chamão Coatátapiiya; isto é: nação de certos monos chamados Coatá. Na parte mais superior deste rio affirmão constantemente os indios haver uma populosa aldêa Umauás, ou Cambebas. As armas dos indios Iuruá são: esgravatanas, arcos, e flexas, lanças, e tamaranas, que são como os Cuidaruz do Iupurá. As flexas, e lanças envenenadas.

125. Os indios das nações Cauána, e Ugina fíeão mui superiores a catadupa do rio, e distante da sua barra. Dos da nação Cauána dizem os indios o mesmo, que alguns geographos dos Groelandos, e Lapões; isto é, que são de estatura curta, que apenas excederá a cinco palmos. O que dizem dos da nação Ugina, ou Coatátapiiya, é mais notavel; porque afirmão terem todos caudas: e que procedem de indias, que se fecundarão com os monos chamados Coatá. Seja o principio qual for; eu sempre me inclino a que é verdadeira a noticia das caudas, por tres motivos: o

primeiro, por não haver razão physica, que difficulte as caudas: segundo, porque inquirindo eu varios indios oriundos, e descendidos do mesmo rio, que virão, e tratarão os Uginas, sempre os achei constantes, só com a diferença de dizerem uns, que as caudas são de palmo e meio, e outros, que chegam a dous palmos, e mais: o terceiro, por me afirmar o Rvm.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> Fr. José de S. Thereza Ribeiro, religioso Carmelita, e vigario actual do lugar de Castro de Avelães, que vira um indio descendido do rio Iupurá, que tinha cauda, cuja historia lhe pedi attestasse com uma certidão jurada, que passou, e conservo em meu poder, do theor seguinte:

Fr. José de S. Thereza Ribeiro da Ordem de N. S. do Monte do Carmo da antiga observancia &. Certefico, e juro in verbo Sacerdotis, e aos Santos Evangelhos, que sendo eu missionario em a antiga aldêa de Parauari, que ao depois se mudou para o lugar, que hoje é de Nogueira, chegou á dita aldêa em o anno de 1751, ou 52, um homem chamado Manoel da Silva, natural de Pernambuco, ou da Bahia, vindo do rio Iupurá com alguns indios resgatados; entre os quaes trazia um indio bruto infiel de idade de trinta annos pouco mais, ou menos, do qual me certificou o nomeado Manoel da Silva, que tinha rabo; e por eu não dar credito a tão extraordinaria novidade, mandou chamar o indio, e o fez dispir com o pretexto de tirar algumas tartarugas de um corral, onde eu as tinha, para por este modo poder eu examinar a sua verdade. E com effeito vi, sem poder padecer engano algum, que o sobredito indio tinha um rabo da grossura de um dedo polegar, e do comprimento de meio palmo, coberto de couro lizo sem cabellos: E me affirmou o mesmo Manoel da Silva, que o indio lhe dissera, que todos os mezes cortava o rabo para não ser

muito comprido (\*); pois crescia bastante: E só não examinei a nação do indio, nem a parte certa onde habitava; nem tambem se tinhão rabos os mais indios da sua nação: porem haverá quatro annos pouco mais ou menos, me chegou a noticia, de que em o rio Iuruá ha uma nação de indios com rabos. E por tudo ser verdade, passei esta de minha letra e signal.—Lugar de Castro de Avelães quinze de Outubro de mil setecentos e sessenta e oito,—Fr. José de S. Thereza Ribeiro.

126. Na distancia que ha entre o Parauarí, e o rio Iuruá se achaõ pela ordem, com que vão escriptos, o lago Cupaçá comunicado com Iuruá; o canal chamado Giparana, formado por uma ilha visinha á margem do rio, os riachos Yauatô, e Acaricoára; o canal Maicóapaní semelhante a Giparana; a boca superior de Acaricoára, e o riacho Guará.

127. Em o sitio chamado Curubitiba, que fica logo acima do canal Maicoapaní esteve em outro tempo fundada una aldêa de indios das nações Iumá, e Achouari: E mudando-a seu Missionario, que então era Fr. Antonio de Andrade, religioso Carmelita, para a boca, e margem oriental do lago Cupaçá, acima indicado, nella foi morto pelos indios da nação Iumá; por cuja razão foi expedido da cidade do Pará o capitão de Infantaria Diogo Pinto da Gaya com uma grossa escolta militar, e ordem do Governador e capitão General do Estado, que então era o Senr. Bernardo Pereira de Berredo, para seguir, e castigar os Iumás, e todos os seus parciaes na morte do religioso Missionario. Extinguiu-se a aldêa, e passaraõ para a villa, que hoje é de Ega alguns indios da nação Achouari, que ainda se conservavão.

---

(\*) Não é operação gestosa que houvesse de repetir-se.

128. No intervallo da barra principal do Iupurá até defronte do Iuruá só desagua em a margem septentrional do rio do Amazonas o canal Uaranapú, que é a sexta barra do Iupurá, quasi defronte da ponta inferior da ilha, que faz o canal de Maicoapani. Mr. de Condamine aponta em o seu mappa o canal Uaranapú abaixo do rio Tefé, devendo ficar superior ainda á barra, que elle poem em ultimo lugar.

129. Seis legoas acima do rio Iuruá está situado o lugar de Fonte-boa na margem oriental, e meia legoa distante da barra do riacho Caiarai, que desagua na margem austral do Amazonas. Este lugar foi a primeira vez fundada junto a barra, e na margem oriental do riacho Capuri, que desagua na margem tambem oriental do riacho Morointiba, de que tratará o § 134. De Capuri se mudou para a boca, e margem oriental do mesmo Morointiba. Deste sitio se mudou para o chamado Taracuátiba, que fica pouco superior ao riacho Manhána, de que faz menção o § 134. De Taracuátiba se mudou para o sitio, em que aponta Mr. de Condamine em o seu mappa; isto é na margem austral do Amazonas, e duas legoas abaixo do rio Iutai, donde ultimamente se mudou para o sitio, em que presentemente está.

130. Estando este lugar no quarto sitio, a saber, duas legoas abaixo do rio Iutai, lhe aggregou o Missionario, que então era, Fr. João de S. Jeronimo, os indios da nação Tecuna, que estavaõ aldeados na margem oriental do riacho Içápo declarado em o § 132, meio dia de viagem por elle acima. O nomeado lugar foi fundado só com os indios da nação Umauá, ou Cambéba. Ao depois se lhe aggregarão os das nações Marauá, Araicá, e Xomána; e ultimamente os das nações Tecuna, Passé, e Tumbira.

131. Entre o rio Iuruá, e o lugar de Fonte-boa só desagua na margem austral do Amazonas um riacho chamado Amanapiá. Na margem opposta naõ ha lago, rio, ou riacho consideravel.

132. Continuando-se a viagem do lugar de Fonte-boa, se seguem pela margem austral do rio do Amazonas os riachos da Campina, e Guramati; o canal chamado Tarará semelhante ao de Giparána, e Maicoapani; os riachos Puricini, Mararuá, Içápo, e o grande rio Jutai (Yutai pronunciaõ os indios) distante de Fonte-boa 14 legoas.

133. Está a barra do Iutai em dois gráos, e 14 minutos ao Sul, do qual desce para o Norte. He caudaloso de curso dilatado; mas pouco navegavel dos Portuguezes. Extrahe-se delle muita salsa parrilha. Na parte inferior do rio habitão os indios das nações Tapagána, Uaraicú, e Marauá. A superior sabe-se que está habitada de gentios; ignora-se porem os nomes das suas nações. Ha noticia partecipada pelos indios, de que na parte superior ha campos de grande extensão, e signaes de gado vaccum. Tambem é tra-diçaõ constante, de que por elle descera um Jesuita Hespanhol, o qual subira pelo Amazonas acima.

134. Na margem septentrional do Amazonas continuada de Fonte-boa até o rio Iutai desagua o riacho Manhána, o qual verdadeiramente é um canal, que desce do Iupurá, e a setima barra deste rio. Fica defronte, e pouco acima do riacho Cayarai, em que está situado o lugar de Fonte-boa: segue-se o riacho Morointiba fronteiro a Manaruá apontado no § 132.

135. Distante do rio Iutai 42 legoas faz barra na margem septentrional do Amazonas o famoso rio Içá, depois de se deixarem nesta mesma margem, seguida de frente do Iutai, o riacho Tijucupába, o canal Evi-

ratiba, a boca inferior de Auratiparaná, que tambem é um canal, que dá tranzito para o Iupurá devidido em dois ramos, que sahem; o primeiro na parte proximamente indicada; e o segundo mais acima, passada a costa chamada Mina, que intercede ás duas bocas. Da sahida superior de Auatiparaná se seguem as duas bocas inferior, e superior do riacho Tonati, do qual desceraõ no anno de 1768 os indios da nação Pariána, com os quaes se fundou uma nova Povoação na margem septentrional do Amazonas inferior; porem immediaata a barra do Içá.

136. Na margem austral do Amazonas continua da do rio Iutai, até o sitio fronteiro a Içá fazem barra os riachos Capatána, e Aruti. Segue-se a costa chamada Pucatapaxirá, e a esta os riachos Maturá, e Maturácupacá; a boca inferior do riacho Patiá, o riacho Iucuriá, e a boca superior do Patiá.

137. Entre os dois riachos Maturá, e Maturácupacá esteve em outro tempo uma aldêa de indios da nação Cuyuoicina, os quaes a desampararão, matando o seu Missionario Fr. Mathias Deniz religioso Carmelita; por cujo motivo despedio o Governador e capitão General do Estado, que então era, o Senr. Alexandre de Souza Freire uma armada commandada pelo capitão José Rodrigues Santarem, para castigar os agressores da morte, e todos os seus confederados.

138. Está a barra do rio Içá em 3 grãos, e 9 minutos ao Sul. Tem o seu nascimento nas serras da cidade de Pasto no rumo de Nordeste de Quito; e corre de Oeste para Leste. Os Hespanhoes lhe dão o nome de Putumayo, e os Portuguezes o de Içá, por assim lhe chamarem os indios, em razão de ser da nação Içá o gentio, que no outro tempo o dominava, e era mais conhecido. Os Hespanhoes sempre occupa-

rão a parte superior deste rio, e depois do tratado dos limites entre Portugal, e Hespanha, descerão até a sua foz, onde fundarão na margem septentrional uma aldeia de indios com o nome de S. Joaquim, a qual abandonarão ultimamente no anno de 1766.

139. He o Içá abundante de salsa parrilha. Na sua margem septentrional continuada da barra até onde navegarão os Portuguezes, desaguaõ, segundo a ordem, com que vão escriptos, os pequenos rios Yapacuã, Mamuré, Guivé, Lucaui, Miui, Upi, Icoté, Pimari, Iurupari paraná, e Pepitari. Na margem opposta fazem barra com a mesma ordem os rios, ou riachos; porque também são pequenos, Yucurapá, Puruitú, a que outros chamão Uananá, Utué, Ytiti, a que outros dão o nome de Acheti.

140. Nos rios sobreditos habitaõ os indios das nações Passé, Xomána, Miranha, Iuri, Tumbira, Pirâna, Içá, Cacatapiiya são antropofagos, e tem por distintivo um risco negro largo e retorcido na ponta, o qual principia junto ao nariz, e acaba nas orelhas de ambos os lados. Os da nação Tecuna tem os mesmos riscos, porém estreitos, e mais curtos. E estes vivem persuadidos, de que as almas se transmigrão dos corpos humanos para os de irracionaës. As suas mulheres não tem compostura alguma: os varoens todavia cobrem as partes destinadas para a geração com franjas largas, feitas de fio torcido de certa estopa branca, que tirão de cortiças de páos. Poucos dias depois de nascidos os filhos de um, e outro sexo, são circuncidados pelas mães, que são ministras desta operação. Aos do sexo veril cortão a extremidade do prepúcio, e a ligadura inferior, que o prende a fava: E às do outro sexo a excrescencia exterior, em cuja mais clara explicação seria menor o interesse da curiosidade, do que

o prejuiso da modestia. A esta ceremonia é consequente a de imporem nome aos filhos com festas, e bailes na presença de uma horrivel figura, que dizem ser do Demonio, coberta com a dita estopa, tirada da cortiça de certos pãos, e com pontas compridas na cabeça, a qual é feita de uma especie de abobra amargosa grande, e redonda.

141. Seis legoas acima da barra do rio Içá está situado na margem austral do Amazonas o lugar de Castro de Avelães, povoado de indios das nações Umauá, ou Cambéba, Pariána, Xomána, e Cayuicéna. Elle foi fundado a primeira vez na costa chamada Pucatapaxirá indicado no § 136, onde existião os Cambébas. Deste sitio se mudou para o canal de Eviratiba, apontado no § 135, em a margem septentrional do Amazonas. De Eviratiba se mudou para o sitio fronteiro ao riacho Aruti, de que fez menção o § 136. Deste lugar passou para a margem do Sul, e se estabeleceo entre os dois riachos Maturá, e Maturácupacá, donde outra vez se mudou para a margem do Norte, pouco abaixo do riacho Tunati, declarado no § 135; e deste sitio ultimamente para o em que presentemente está. No intervallo, que ha do rio Içá até o lugar de Castro de Avelãs, não desagua nas duas margens do Amazonas rio, riacho, ou lago consideravel.

142. Em distancia de mais treze legoas, e na mesma margem austral do Amazonas está a villa de Olivença, passados os dois riachos Acuruí, e Iandiá-tiba, no qual habitão indios das nações Uaraicú, Marauá, Colino, e Maiuruna: e na margem septentrional o riacho Xomana, e lago Capiitiba.

143. A villa de Olivença é povoada de indios das nações Umauá, ou Cambéba, Tucúna, Xomána, Passé, e Iurí. A sua primeira fundação foi nesta mesma

margem defronte da ilha chamada Taguarú, inferior á villa de Iauarí, tres legoas com pouca diferença onde habitão os Cambébas. Ao depois se estabeleceu mais abaixo, na mesma margem, meia legoa acima do ria-cho Pacutí, de que se tratará mais adiante. Deste sitio passou para a margem do Norte, fronteira, e pouco acima do sitio proximamente declarado; donde outra vez passou para a margem do Sul, incorporando-se com a aldêa de S. Pedro, que estava fundada uma legoa abaixo do ria-cho Camatiá, e superior menos de um quarto de legoa ao sitio, em que hoje se acha, e para onde ultimamente se mudou. Quando Mr. de Condamine navegou pelo Amazonas, estava a villa no segundo sitio, isto é, meia legoa acima do Pacutí, onde o aponta no seu mappa.

144. Na pag. 48, e pag. 49 do seu Diario diz o mesmo Mr. de Condamine, que os indios da nação Umaúá, ou Cambébas se achão reduzidos a duas Povoações, a saber: S. Joaquim dos Hespanhoes, e S. Paulo, hoje villa de Olivença, dos Portugueses: sendo certo, que quando elle desceo pelo Amazonas, havião nos dominios Portugueses mais duas Povoações de Cambébas, que ainda se conservão, a dizer: Castro de Avelás, que elle aponta no seu mappa com o nome de Eviratoha, em vez de Eviratiba; e Fonte-boa, tambem apontado no ditó mappa com o nome de Taracuatôo, em vez de Taracuatiba: Tendo-se já então eneorporado com Castro de Avelás a quarta Povoação dos Cambébas, chamada S. Mathias, e fundada em uma ilha do mesmo nome, que fica em igual distancia entre Castro de Avelás, e Olivença.

145. Não tendo commummente os indios destes sertões mais vestidos, do que aquelles, que trajarão nossos primeiros pais no campo Damasceno, só os

Cambébas uzarão de roupas compridas sem mangas e abertas nos lados a imitação de cazulas, feitas de pano de algodão tecido por elles. Os que ha mais antigo nas tres Povoações nomeadas tem as cabeças chatas em forma de Mitras, cuja configuração lhe derão as mãis na sua infancia, comprimindo-lhes as cabeças entre duas pequenas taboas. Os modernos já não seguem esta pratica; mas inda as mãis lhes comprimem as testas, de modo, que fiquem sem convexidade alguma. O Curupá, do qual diz Mr. de Condamine pag. 35, que uzão muito os Cambébas, é a fruta da arvore Paricá a que elles chamão Curupá. Nada tem de solutiva, antes é nimiamente adstringente. O letargo que causa, apenas dura tres horas, e não vinte quatro. Tomão em pó pelos narizes, e em cristeis nas occasões em que se sentem languidos, e indispostos, cujo uso é geral em todos os indios; e mais que o de manacá, cujo sumo extraído da cortiça, ou casca, só tomão os Cambébas, e outras algumas nações de indios.

146. Continuando a derrota mais vinte quatro legoas, se chegará á villa de S. José do Iavarí, fundada na margem austral do Amazonas, e povoada de indios da nação Tucúna. Nesta distancia, seguida da villa de Olivença até a de Iavarí, desaguão pela ordem, com que vão escriptos, os riachos Camatiá, Pacotú, Macapuána, e Yuruparitapéra: e na margem do Norte o riacho Quiriá, habitado do gentio Tecúna, e communicado com o Yucurapá declarado no § 139, e o lago Cayarí, habitado do mesmo gentio.

147. Nove legoas acima da villa de S. José do Iavari desagua na mesma margem austral do Amazonas o rio Javari, (Yauari lhe chamaraõ sempre os indios) em quatro grãos ao Sul, donde nasce para o

Norte. He igual na grandeza ao Iuruá; abundante de cacão, e salsa, e habitado de indios das nações Maramauá, Uaraicú, Pano, Chayauitá, Chimaána, Yamco, Mayuruna, e outras.

148. Os indios da nação Mayuruna trazem o cabello crescido, e coroa aberta no alto da cabeça: o nariz, e os beiços são crivados com muitos furos, em que metem espinhos compridos, e nos furos dos cantos da boca pennas de arára. No beiço inferior, extremitade do nariz, e das orelhas penduraõ chapinhas esféricas de certas conchas marítimas, a que chamão os indios Itán. A' este horrivel aspecto accresce a impiedade dos seus costumes; por que não satisfeitos de comerem as carnes de seus inimigos, matão e comem os velhos, e enfermos da sua nação, sem escaparem os pais, e os filhos; porque mutuamente se matão, e comem, logo que adoecem gravemente, antes que a molestia os imagreça, como fazião os antigos Herulus, e algumas nações de indios, de que dão noticia as Historias da America.

149. Duas legoas acima do rio Iavari está fundada na margem septentrional do Amazonas o presidio de S. Francisco Xavier da Tabatinga, ultima colonia Portuguesa no dito rio, para onde passou o destacamento militar, que guarnecia a villa de Iauari. No intervallo, que medeia entre a villa de Iauari, e o presidio nomeado, só se acha na margem austral entre a villa, e o rio do mesmo nome, o lago Maracuanatiba. Na margem opposta não desagua rio, riacho, ou lago algum digno de notar-se.

## RIO NEGRO.

150. Havendo de fazer-se a derrota pelo Rio Negro, depois de deixar a esquerda o rio Amazonas, como

fica dito no § 84, se entrará pelo Negro, que fica á direita em altura de tres grãos, e nove minutos ao Polo do Sul, com direcção de Oeste para Leste, quasi paralela a do Amazonas. Na sua barra, e verdadeira entrada não chega a ter o Rio Negro meia legoa de largo: porem subindo por elle, cada vez se vai alargando mais, de modo, que na distancia de dez ou doze legoas acima da barra, se estende a sua largura a quatro legoas; e a seis depois de principiarem as ilhas. As suas aguas são negras. As praias, e margens formosas, e alegres; e o terreno alto, e enxuto. As noticias das expedições, e Tropas de resgate, e guerra, e mais acontecimentos do Rio Negro, pedem Historia mais dilatada.

151. Duas legoas superior á barra está na margem septentrional do Rio Negro a Fortaleza, que o defende; e no mesmo sitio uma Povoação de indios das nações Baniba, Baré, e Passé. Mr. de Condamine pag. 65 do seu Diario diz, que a Fortaleza está no passo mais estreito do rio; cuja largura achara ser nesta parte de 2886 varas castelhanas; sendo que neste sitio tem elle já mais largura do que na entrada.

152. Da Fortaleza se pode procurar logo a margem austral do rio, e continuar por elle a viagem, sendo tempo de verão, e havendo vento. Quem não quizer seguir esta derrota, costeará a mesma margem do Norte, até defronte da boca inferior do canal chamado Anavilhana, que dista da Fortaleza doze legoas; e buscando então o rumo de Poente 4.<sup>a</sup> de Noroeste, entrará pelo dito canal, que fica entre uma confusão de ilhas, e tomou a denominação de Anavilhana, por lhe corresponder na costa septentrional do Rio Negro o rio Anauéni, a que por corrupção do vocabulo chamão os brancos Anavilhana: e atravessando por entre

as ditas ilhas o Rio Negro, se chegará á parte meridional delle, depois de vencer quinze legoas.

153. Dez legoas acima da boca superior do canal sobredito, está a Ponta das pedras, a que chamão Igrejinhas, inferior 4 legoas ao lugar de Ayrão, situado na mesma costa austral. Este lugar foi primeiramente estabelecido com indios das nações Tarumá, e Aroaqui na enceada grande, que fica logo acima da Fortaleza, donde se mudou para o sitio, em que presentemente está, só povoado do gentio Aroaqui, por se haver extinguido totalmente a nação Tarumá.

154. No espaço que intercede á barra, e o lugar de Airão, só desagua na margem austral do Rio Negro o riacho Xiborina, pouco acima da barra, e o canal apontado no § 87. Na margem do Norte, principiando do sitio, em que esteve a primeira vez estabelecido o lugar de Airão, fazem barra o riacho Ayurim, o rio Anauéne, ou Anavilhana, e os riachos Cannumaú, Mapauaú, e Ucuriuá, o qual está fronteiro, e pouco abaixo de Airão. O rio Anauéne, e os tres riachos seguintes são habitados de indios da nação Aroaqui. Estes, e todos os mais do Rio Negro não tem signaes, ou deformidades industriaes a excepção dos das nações Ueriquena, Maipi, dos quaes se dará noticia mais adiante. Tambem é commum a todos o uso de arcos, flexas, e lanças envenenadas, e de páos semelhantes ao Cuidaruz, e Tamaranas, de que já se tratou. Da antropofagia só se absteve sempre a nação Uaupé. As mais a praticaraõ com excesso, e práticaõ ainda nas suas terras.

155. Do lugar de Airão ordinariamente se continua a viagem por entre as ilhas até chegar á costa em que está situada a villa de Moura distante de Airão doze legoas. Porem havendo vento favoravel, e sen-

do a embarcação segura, se pode fazer esta viagem mais breve por fóra das ilhas.

156. A villa de Moura é povoada de indios das nações Manáo, Carayai, Cóeoana, e Iuma. O seu primeirò estabelecimento foi na margem oriental do rio Uarirá, apontado no § 170, meio dia de viagem por elle acima, donde passou para a margem austral do Rio Negro, pouco superior ao sitio, em que está fundado o lugar de Moura, de que tratará o § 167, e ao depois ultimamente para o lugar em que agora se acha.

157. Entre o lugar de Airão, e a villa de Moura desagua na margem austral do Rio Negro dois rios, a saber: Iaú, mui pouco acima de Airão, e Unini, a que chamão os Européos Anani, inferior cinco legoas á villa de Moura. Ambos forão habitados de gentio: mas agora só se achão nelles alguns fugidos. Da communicaçāo do Unini com Cudayá, se deu já noticia no § 93. Alem desta communicaçāo, tem outra com o Iaú. No Unini ha, posto que não com abundancia, oleo de cupayba. Na margem do Norte só faz barra o rio Yauapiri, a que dão os brancos o nome de Iaguapiri, defronte, e pouco abaixo da villa de Moura. Este rio é de agua branca, e tem as suas fontes como todos os mais, que desaguão nesta margem, junto á cordilheira de Guayana. Ha nelle algum oleo de cupayba; e é habitado de indios da nação Aroaqui. Quatro dias de viagem por elle acima esteve fundada na sua margem oriental uma aldêa, que se extinguiu por fugirem todos os indios, que a povoavão.

158. Da villa de Moura se continúa a viagem pela mesma margem do Sul até o lugar de Carvoeiro, que lhe é superior 8 legoas. Neste lugar habitão indios das nações Manáo, Parauaána, e Uaranacuácena: o seu primeirò estabelecimento foi na margem orien-

tal do rio Cauauri, chamado commumente por corrupção do vocabulo Caburi, cuja situação mostrará o § 164; tres horas de viagem longe da sua barra, donde se mudou para a margem austral do Rio Negro em uma enseada grande cheia de ilhas, e por forma de lagó immediatamente inferior á barra do Cauauri, e superior tres legoas ao sitio, em que agora está, e para a qual passou ultimamente.

159. Na margem austral do Rio Negro seguida da villa de Moura até o lugar de Carvoeiro, não desagua outro algum rio, ou riacho notavel. Na margem do Norte desaguão dois rios; a saber: O rio Branco, e o rio Uaranacuá, por outro nome Yuvari. O rio Branco é superior á villa de Moura seis legoas, e inferior duas ao lugar de Carvoeiro. O seu verdadeiro nome é Queceuéné: porem como o gentio dominante delle era da nação Parauiana, começaraõ os mais indios á attribuir-lhe o mesmo nome, que por corrupção pronuncião os Européos —Paravilhana; e lhe cbamaõ tambem rio Branco em razão da cor das suas aguas, que despeja no Negro por quatro bocas; tres juntas, e devididas por duas ilhas, que tem na foz, e a quarta mais distante, vizinha, e mui pouco inferior ao rio Uaranacuá, chamado Amayaauá.

160. Antes da divisão bipartida, que mostra Mr. de Condamine no seu mappa; isto é: A' parte direita do rio Tacutú, habitado da nação Parauiana, e á esquerda o Parimá, povoado de indios das nações Macuxi, e Uapixána desagua na margem oriental do rio Branco principiando da barra para cima, e segundo a ordem, com que vaõ apontados, o riacho Macoaré, o lago Uadauauá, e o rio Emeneueni, os lagos Curiucú, e Uariori, e o rio Uanauaú, no qual habitaõ os indios da nação Aturaiú. Este rio é o mesmo, a que chamaõ com-

mumente Gunauauá, e outros por erro Nauauao: e na margem occidental o riacho Cereueni, e os rios Coraterimani, Eniueni, Aiarani, Cauamé, habitado da nação Sapará; Ucayai, onde tem seus domicilios os indios das nações Uaiurú, Pachiána, Tapicari, e Chaperú. Deve-se tambem advertir, que o verdadeiro membro da divisão apontada não é o Parimá, mas sim o rio Uraricera, em que tambem habitaõ indios da nação Sapará; e em cuja margem direita desagua o riacho Parimá.

161. Pelo rio Branco se comunicavaõ em outro tempo os indios do rio Negro com os Hollandezes de Suriname, vencendo com jornada de meio dia o espaço de terra, que ha entre o Tacutú, e a parte superior do Rupumani, que desagua no Esquivo, e este no mar do Norte entre os rios Suriname, e Orinoco. Alguns presumem, que o rio Branco tambem se communica com o Orinoco, que immediatamente os intercede: Mas até agora não se tem verificado esta conjectura; e só ha noticia da comunicação do Orinoco com o Esquivo.

162. O rio Uaranácuá, ou Yuuari está fronteiro a Carvoeiro. Foi habitado de indios das nações Uaranácuacena, e Parauáána; e no tempo presente só da nação Parauáána. Menos de meio dia de viagem por elle acima esteve antigamente fundada na sua margem oriental uma aldêa de indios, que se unio ao lugar de Carvoeiro, estando elle ainda na margem do rio Caurá, ou Caburi como se disse no § 158.

163. Do lugar de Carvoeiro se fará a viagem pela mesma margem austral até o lugar de Poiares, distante de Carvoeiro 17 legoas, e povoado de indios das nações Manáo, Baré, e Passé. O seu primeiro estabelecimento foi no sitio chamado Carabi, que está na mesma margem austral um dia de viagem acima do lugar de La-

malonga, de que tratará o § 172, donde se mudou para o sitio, onde agora está.

164. Entre Carvoeiro, e Poiares desagua na margem austral do Rio Negro o Cauauri, chamado comumente Caburi, quatro legoas superior ao Carvoeiro. Neste rio habitaraõ antigamente indios das nações Cauauricena, e Garayái. Agora está deserto; e só ha algumas reliquias da nação Carayái no centro do continente, que medeã entre este, e o Unini. Na margem septentrional desaguão os riachos Uanapixi, Uanibá, e Cuarú.

165. Do lugar de Poiares se segue na mesma margem do sul, e em distancia de sete legoas a villa de Barcellos capital da capitania de S. José do Rio Negro. Nella habitão juntamente com os brancos, assim como nas mais povoações, indios das nações Manáo, Baré e Bayanaí. A sua primeira fundação foi na mesma margem austral do Rio Negro immediatamente inferior á barra do rio Ueneuixí, apontado no § 175, donde se mudou para o sitio em que actualmente está.

166. Entre o lugar de Poiares e a villa de Barcellos só faz barra na margem austral do Rio Negro o riacho Uatanarí, duas legoas abaixo de Barcellos; e na margem do Norte os riachos Uirauaú, Zamuru-paú, e Baibuí fronteiros a Barcellos.

167. Da villa de Barcellos se continuará a viagem pela mesma margem do Sul até o lugar de Moreira, distante 16 legoas, e habitado de indios das nações Manáo, e Baré. Este lugar esteve unido á villa de Moura em Uarirá, e no segundo sitio explicado no § 156; estando no qual, se separou dos mais o principal José de Menezes Cabuquina, e estabeleceu com os indios do seu partido o lugar de Moreira pouco

abaixo do sitio, em que estava então a villa de Moura.

168. Na distancia de Barcellos a Moreira desaguão na margem austral do Rio Negro, os rios Barurí, e Quiyuní, e os riachos Arataí, e Quemeucuri. E na margem do Norte o riacho Parataqui, e o rio Uaruá, a que chamão os Europeos Aracá, em cuja margem oriental faz barra o rio Demeuéné, a que tambem por inscricao do verdadeiro nome dão alguns o de Diminé, onde habitavao antigamente os indios da nação Quiána. Como as aguas de Demeuéné são brancas, conjecturaraõ alguns, que elle seria canal derivado do rio Branco, pelo qual este se communicasse, com o Uaracá, cujas aguas são negras. Não se verifica com tudo a conjectura; porque nem o Uaracá, nem o Demeuéné tem communicação com o rio Branco.

169. Do lugar de Moreira se demandará a villa de Thomar, situada na mesma margem do Sul 17 legoas superior a Moreira. Ella é habitada de indios das nações Manáo, Baré, Uayuaná, e Passé; e foi fundada a primeira vez na margem austral do Rio Negro, immediatamente inferior á barra do rio Chiuará, apontado no § 175, donde se mudou para este sitio.

170. Na margem austral do Rio Negro continua da de Moreira até Thomar faz barra superior a Moreira 4 legoas o rio Uarirá, no qual habitaraõ antigamente os indios da nação Manáo, cujas populosas aldeias, principiando deste rio, occupavaõ uma, e outra margem do Negro, e dos rios, que lhe são collateraes até a ponta inferior da ilha Timoni, fronteiro á barra do rio Chiuará, apontado no § 175. Os Manáos forao poderosos, e igualmente valiosos, e mui inclinados ao vicio da antropofagia. No estado da sua infidelidade crião com especie de manicheismo, que havia dois Deoses; um chamado Mauari, Autor de todo o bem;

e outro por nome Sarána, Autor de todo o mal. Depois que se reduziraõ a Fé Catholica Romana, e se estabelecerão nas povoações, que hoje são villas e lugares, sempre a sua lingua foi, e é nellas a mais comum; e não a da nação Chapuénã, como se persuadio Mr. de Condamine na pag. 65 do seu Diario. Na pag. 68 mostrou tambem o dito Mr. de Condamine estar na intelligencia, de que os Manáos são os mésmos, a que Samuel Fritz chamou Manaves. Pôde ser que este Jesuita ouvindo nomear os indios Manauiz, entendesse tambem, que erão Manáos; e por isso chamaria a estes Manaves, em vez de Manauiz, sendo diferentes as nações Manão e Manaui.

171. Na margem septentrional fazem barra pouco abaixo da villa de Thomar o rio Uereré, que foi em outro tempo habitado de indios das nações Carayai, e Uariua; e defronte da mesma villa o rio Padáuiri, em cuja margem oriental desagua o rio Uexiémerim. O Padáuiri foi povoado da nação Orumanão: Ha nelle alguma salsa parrilha: E por ser de agua branca se persuadiraõ alguns erradamente, que seria tambem braço do rio Branco. He comunicavel com o Orinoco pelo rio Umauóca, que desagua na margem direita do ramo do dito Orinoco, á que sahe o canal Caciquiari; não porque o Umauóca chegue a unir-se ao Padáuiri; mas porque entre a parte superior deste, e do Umauóca só medeia um isthmo, que se une com jornada de meio dia.

172. Da villa de Thomar se segue com distancia de tres legoas o lugar de Lamalongá, situado na mesma margem austral do Rio Negro, e habitado de indios das nações Manão, Baré, e Baniba. Os indios deste lugar forao moradores da villa de Thomar, da qual, estando já no sitio, em que actualmente se acha,

se separaraõ; porque desavendo-se o principal José João Darico, o principal Alexandre de Souza Cabá Cabari se retirou aquelle com os seus indios, e fundou a povoação, que hoje é de Lamalonga, à que ao depois se aggregaraõ os indios, que povoavão a aldêa chamada Auauidá, que estava situada na margem austral do Rio Negro tres legoas acima de Lamalonga. No mappa de Mr. de Condamine está apontada a dita aldêa com o nome de Aravida.

173. Entre a villa de Thomar, e o lugar de Lamalonga não desembóca rio ou riacho algum notavel na margem austral do Rio Negro. E na do Norte só desagua defronte de Lamalonga o riacho Anhori em o canal chamado Uataui. O nomeado riacho foi em outro tempo habitado de indios Manáos.

174. Continuando-se a viagem mais 17 legoas, se chegará a nova povoação de S. Izabel, habitadas de indios de nação Uaupé, e situada na mesma margem austral do Rio Negro; depois de deixar nesta os riachos Chibarú, e Mabá; e na do norte o riacho Hiyaá, em que houverão tres grandes aldêas de Manáos, e entre ellas a do facinoroso, e rebelde principal Ayuricába; e o rio Daraá.

175. Em distancia de mais de 18 legoas está o sítio chamado Maracabi, defronte do qual se fundou proximamente na margem do Norte uma povoação com indios das nações Mepurié, Macú, que se separaraõ da povoação de S. Antonio do Castanheiro, do qual dará noticia o § 178. Neste intervallo desaguão na margem do Sul os rios Yurubaxi, Uayuaná, chamado commummente Ajuuaná, Ueneuexi, chamado tambem vulgarmente Inuxi, e Chiuará.

176. O Yurubaxi é o mesmo, a que Mr. de Condamine, e outros geographos chamão Yurúbech, e Yu-

rúbesh. A sua barra é de pequena largura: Porem mais adiante forma grandes lagos, pelos quaes se comunica com o Yapurá, como fica dito na descripção d'aquelle rio. Ha no Yurubaxi, Puxiri, e algum gentio da nação Macú. Em outro tempo foi povoado de Manáos, dos quaes diz Fritz citado por Mr. de Condamine pag. 70, tinhão nas ribeiras deste rio uma grande aldeia chamada Yenefiti, que o mesmo Condamine suppõe cabeça da província dos Manáos, e ser a que deo motivo para se fingir a cidade de Manoa. He verdade, que houve a dita aldeia na boca, e margem oriental do rio, cujo nome era Yanauauóca, e não Yenefiti: Como os indios costumavão dár as aldeias os nomes dos Príncipes, que as dominavão; pode ser que em tempo mais atrasado fosse denominada Yenefiti, por ser do mesmo nome o Principal então existente; ou que tendo d'antes aquelle nome, voluntariamente o mudassem em Yanauauóca. Tambem não dispujo a conjectura de Mr. de Condamine; posto que a referida aldeia, nem tinha as qualidades, e grandezas, com que se fingio a cidade de Manoa, nem era a capital da província dos Manáos; porque não obstante serem todos elles confederados, era com tudo as suas aldeias independentes umas das outras; e muitas dellas tão populosas, como a Yanauauóca. O Uayuaná foi habitado de Manáos: Presentemente só ha nelles alguns indios da nação Macú, e muito Puxiri. O Ueneuixi foi habitado das nações Manáo, Mariarána, Mepuri, e Macú; Cochiuará de Manáos.

177. Na margem septentrional fazem barra o rio Maraviá, o riacho Yarudi, e o rio Inabú, todos de agua branca: o rio Abuará, os riachos Iabururuá, e Dibá, e o rio Canaburi, que tambem é de agua branca. O rio Maraviá foi habitado da nação Curanaú, que fez

em outro tempo valerosa resistencia aos Manáos: Agora só vivem nelle os indios da nação Yabaána. Tem salsa parrilha, e cacáo junto as serras. No rio Inabú, tambem abundante de salsa, habitão indios das nações Yabaána, e Curanaú. Antigamente tambem houve nelle a nação Hiyana, que usava da mesma língua dos Manáos. O rio Canaburi, chamado communmente Cabeburi, é povoado das nações Demacuri, e Madaucá, e outras. Ha nelle salsa parrilha: E tem comunicação com o canal Caciquiari pelo rio Umarinaui que desemboca na sua margem occidental, e de cuja parte superior se passa por pantanaes, e mais facilmente no tempo de inverno, ao rio Bacimoni (outros lhe chamaõ Bácimonari) que desagua na margem oriental do Caciquiari. Além desta comunicação, tem outras mais remotas; porque venceendo-se por terra, e com jornada de um dia, ou pouco mais, a grande Serra, que lhe fica ao Poente, se chega aos riachos Baú, e Uniabi, que fazem barra na mesma margem oriental do Caciquiari. E por semelhante modo se communica tambem com a parte superior do Rio Negro pelo rio Dimiti, que desagua abaixo de Marabitenas na margem septentrional do Negro; e pelos riachos Uniã, e Ineui que fazem barra na mesma margem acima de Marabitenas.

178. No porto de Maçarabi ha uns cachopos, e impetuosa correnteza, para cuja passagem é preciso Pratico, e descarregar-se a embarcação. Vencidos elles, e depois de se navegar 14 legoas, se chegará a povoação de S. Antônio do Castanheiro situada na mesma margem austral do Rio Negro, e habitada de indios das nações Mepuri, Bare, e Macú. Entre Maçarabi, e a nomeada povoação desaguão na margem do Sul o rio Mayuixi, e o riacho Itéya. Na margem

opposta não ha rio, ou riacho, que haja de notar-se.

179. No porto da povoação de S. Antonio ha outros cachopos, que tambem se passão com dificuldade, e cautella, depois dos quaes, sem deixar outro algum rio, ou riacho nas duas margens do Negro, se segue em distancia de tres legoas a povoação de S. João Nepomoceno do Camundé, habitada da nação Baré, e situada na mesma margem do Sul.

180. Vencendo-se mais 12 legoas por entre continuados, e perigosos cachopos, e duas cachoeiras, cujo transito depende necessariamente da direcção de Pratico experimentado, se chegará a povoação de S. Bernardo do Camanao fundada na margem do Norte do Rio Negro, e habitada de indios da nação Baré. Entre as duas povoações de S. João Nepomoceno, e S. Bernardo fazem barra na margem austral do Rio Negro os rios Mariá, e Curicuriaú, habitados, este das nações Mepuri, Mayapina, e Macú; e aquelle das mesmas menos a Mayapina. Entre a margem occidental do Curicuriacú, e a austral do Uaupé, declarado no § 183 ha um canal chamado Inebú, pelo qual se passa de um para outro rio. Na margem do Norte desaguão os riachos Uacaburú (será talvez o que Mr. de Condamine apontou em seu mappa em sitio bem incompetente com o nome de Catabuhú; porque deste nome não ha rio, ou riacho algum) Muruueni, Uubará, Caçabú, e o rio Miuá, abundante de salsa parreira, e em outro tempo habitado do gentio da nação Demacari.

181. Da povoação de S. Bernardo se segue na mesma margem do Norte, e em distancia de trez legoas e meia a povoação de Nossa Senhora de Nazareth do Curiána, habitado de indios das nações Mepuri, Ayrini, Baré e Macú. Em todo o espaço das tres le-

goas, e meia está o rio ocupado, e cheio de cachopos, e cachoeiras; sendo as de maior perigo a cachoeira chamada Cojubi, que está imediatamente superior a povoação de S. Bernardo, e outra chamada Furnas, que fica mais adiante. No sobredito espaço não desagua rio, ou riacho considerável na margem austral do Negro; e na septentrional só os dois Cayari, e Cauá. O Cayari será o que aponta Mr. de Condamine com o nome de Cajiari.

182. Da povoação de Nazareth se navega por entre os mesmos cachopos até a Fortaleza de S. Gabriel situada na margem septentrional do rio sobre a cachoeira grande chamada Bocobi e superior a povoação de Nossa Senhora de Nazareth legoa e meia. A sua latitude austral é de  $44^{\circ} 31' 45''$   $1\frac{1}{2}$ . No mesmo sitio da Fortaleza está uma povoação de indios da nação Baré. Entre esta, e a de N. S. de Nazareth só ha na margem do Sul um riacho, em que habitou o principal Curiana; e na margem do Norte o riacho Ionutá, e outro mais de nome desconhecido.

183. Logo acima da Fortaleza de S. Gabriel estão os cachopos chamados Caldeirão; e mais adiante outros, á que dão o nome de Paridão; os quaes, e os mais, que vão continuados, e seguidos se hão de vencer para chegar a povoação de S. Joaquim de Coané, habitada de indios das nações Uaupé, e Cœuána, e situada na margem austral do rio Uaupé, uma legoa por elle acima. O nomeado rio é de água branca, e tem a sua barra no meridional do Negro, 10 legoas superior á Fortaleza de S. Gabriel; em cujo espaço tambem desembocão na mesma margem dois pequenos riachos; e na do Norte os riachos Mabuabí, Hiyá, e mais dois, que pelos nomes não perção. He austral a boca do rio Uaupés  $44^{\circ} 100' 45''$ .

184. O verdadeiro nome do rio Uaupé é Ucayari, que no idioma dos indios Manáos, e Barés significa rio de agua branca: Porem como o gentio, que povoa o principal tronco do Ucayari é da nação Uaupé, lhe attribuirão os mais indios o mesmo nome, que os brancos verterão em Goaupé. Elle mostra ser o mesmo, á que Mr. de Condamine chamou Quiquiari na pag. 69 do seu Diario, e Uquiarí no seu mappa; assim pelo lugar em que o aponta, como pelas circunstancias, que declara na dita pag. 69. O seu curso é do occidente para o oriente, parallelo aos rios Negro, Içána, e Uexié de que se trata mais adiante. Do seu nascimento diz Mr. de Condamine na mesma pag. 69, que é na Serra do novo Reino de Granada. Ha com tudo noticia participada por indios de que o Ucayari, ou Uaupé nasce, e é ramo de um rio de agua branca grande, e caudaloso, que corre para leste, procurando o mar do Norte, o qual se suppõe ser o rio a que os indios do Negro chamão Auiyari, ou Uauiyari; são só em razão do seu curso, se não tambem; porque do Auiyari mais abaixo do sitio, em que se diz, que elle nasce o Ucayari, ou Uaupé, se despede um canal de agua tambem branca, que sahe á margem septentrional do Ucayari; pelo qual subindo em outro tempo o indio principal José de Menezes Cabuquina, chiegou ao Auiyari. Este rio, ou é o tronco principal, ou ramo do Orinoco; porque navegando-se por elle abaixo, se chega ao repartimento do outro braço; á que dão os indios o nome de Parauá, pelo qual se sobe para entrar no canal Caciquiarí, que o communica com o rio Negro. De modo, que até a altura do Caciquiarí, e por elle se communica o rio Negro com o chamado Parauá; e do Caciquari para cima, é a comunicação do rio Negro com o Auiyari, ao qual não os portugue-

zes no tempo em que era permittido o resgate dos indios, pelos rios Tiniuini, e Yauitá, que desaguão na margem septentrional do Negro, superior a Caciuiari, passando do Tiniuini por terra ao rio Simité, que desemboca na margem oriental do Atacaú: E de Yauitá immediatamente ao dito Atacaú, que desagua na margem oriental do Yatauapú, e este na occidental do Iniridá, que faz barra na austral do Auiyari.

185. Cinco dias de viagem pelo Ucayari, ou Uaupé acima desemboca na sua margem austral do rio Tiquié, depois de deixar na septentrional o riacho Macú. Em distancia de mais tres dias de viagem tem uma grande catadupa chamada Ipanoré, a que se segue uma dilatada serie de cachopos. Subindo-se por elle mais trez dias, se chega ao rio Capuri que faz barra na mesma margem austral, na qual tambem desagua mais acima o rio Caudíá; e superior a este na mesma margem do Norte, o canal, de que se fez menção no § 184. No rio Tiquié se acharão em o anno de 1749 pedras, que depois de examinadas, e fundidas mostraraõ ser de prata. Por este rio, e pelo Capuri se pôde ir ao Apuapuri, que desagua na margem septentrional do Iupurá, como fica dito; passando-se das fontes d'aquelle para o rio Ueyá, ou Uayá, que desagua na oriental do Apuápuri. No verão precisamente se ha de fazer o transito por terra com pouco trabalho: Porem no inverno pode ser em embarcação pequena por pantanaes.

186. No rio Ucayari, e nos que lhe são collateraes habitão indios das nações Uaupé, Coeuána, Quereruri, Uananá, Cubeuána, Burénari, Mamangá, Panenuá, e outras. O gentio da nação Uaupé tem um pequeno furo entre a cartilagem, e extremidade inferior das orelhas; e outro no beijo inferior entre a barba,

e a extremidade superior do mesmo beiço. Sobre o peito traz uma pedra branca solida, bem levigada, de figura celindrica, e de uma polegada de diametro, preza ao pescoço, com cordão de fio, introduzido por um pequeno furo, que lhe faz artificialmente pelo meio de uma extremidade a outra. Os Principaes as trazem de meio palmo de comprido. Os nobres, pouco menos; e os plebeos muito mais curtas.

187. Alguns indios da nação Tariána, habitante no rio Capuri, forao vistos em outro tempo com folhetas de ouro nas orelhas, as quaes compravão a troco de pennas a indios de outras nações, que se ignoravão. Agora se sabe que os indios da nação Panenuá, que habita na parte superior do Ucayari, uzão das mesmas folhetas, e que delles passavão aos Tariánas. Subsiste porem a duvida donde lhes vem os ditos fragmentos d'ouro.

188. Na barra do Ucayari, ou Uaupé se acabão os cachopos do rio Negro, e d'ella em diante se navega já sem perigos até o rio Içána, que desagua na margem austral do Negro, superior ao Uaupé 8 legoas, em cujo espaço só ha na mesma margem um riacho, que tem o nome do Principal Macuamina, que n'elle assistio. O curso do Içána é dilatado, e desce de Oeste para Leste, paralelo ao Ucayari, e Uexié. Dois dias de viagem por elle acima faz barra na sua margem austral o riacho Cubaticuni, e um dia de viagem mais o riacho Amanari, superior ao qual trez dias de viagem ha no rio uma grande Cachoeira; passada a qual, e um dia de viagem mais acima, se divide o rio em dois ramos principaes, um a parte do Sul, que é o mesmo Içána continuado, e outro da parte do Norte chamado Coyari. Na parte austral do Içána trez dias de viagem, superior á divisão declarada, desagua o

lago Uniboni. Na margem septentrional do Coyari desemboca Mabuyaúá, cujas fontes só distão da parte superior do rio Uexié poucas braças.

189. O Içána é habitado de indios das nações Baniba, Tumayari, Turimari, Decána, Puetána, Uerequéna, e outras. Os da nação Uerequéna, chamaada commummente por corrupção do vocabulo Ariquéna tem por distintivo um furo mui largo entre a cartilagem, e extremidade inferior das orelhas, em que metem molhos de palha. Entre elles se acharão muitos, que antecedentemente á communicação, e conhecimento de brancos, tinham nomes Hebraicos, uns puros, e outros com pouca corrupção, como: Ioab, Iacob, Yacobi, Thomé, Thomequi, Davidú, Joanau, e Marianau.

190. Na barra, e margem septentrional do Içána está situada a povoação de S. Miguel do Iparána habitada de indios da nação Baniba: E na margem austral do rio Negro immediatamente superior ao Içána, e mui visinha á povoação de S. Miguel está a de N. Senhora da Guia, habitada dos mesmos Banibas.

191. Da barra do rio Içána se segue em distância de 12 legoas a povoação de S. João Baptista de Mabé, habitada tambem de indios da nação Baniba, e fundada na margem septentrional do rio Negro; sem haver em o declarado espaço mais, do que um riacho na margem austral pouco abaixo da provação de S. João Baptista.

192. Quatro legoas acima da dita povoação, sem deixar algum outro rio, ou riacho nas duas margens do Negro, desagua na austral delle o rio Uexié, a que os brancos chamão commummente Ixié, e Mr. de Condamine deu no seu mappa o nome de Ijié. O curso deste rio é paralelo ao do Içána, e Negro.

Entre elle, e o Içána ha uma grande Serra chamada Tenuí. Todo o rio é habitado de indios das nações Baniba, Chapuéna, Uerequina, Mendó, e outras.

193. Navegando-se mais 9 legoas, se chegará a Fortaleza de S. José dos Marabitanas, fundada na margem austral do rio Negro em 59° 22" 20": de latitude boreal. Neste sitio está tambem uma povoação de indios das nações Ariini, e Marapitana, chamada commummente por corrupção, Marabitana. Esta povoação é a ultima Colonia dos dominios portuguezes no rio Negro. Entre ella, e a barra do Uexié não ha rio, ou riacho algum na margem austral do Negro. Na do Norte desaguão o riacho do Principal Beturú, o rio Dimiti, e os riachos Uibará, e Bonité, quasi fronteiro á Fortaleza.

A barra do rio Caciuiari está na Latitude Boreal de 59° 27" 29".

FIM.







*Indice das Villas, Lugares, e Povoações, e Freguesias do Bispado do Pará, de que se faz menção neste Roteiro.*

*Nomes das Povoações.*

<b>A</b>		
Lugar de Ayrão.	153	Lugar de Castro d'Avelães 141
Villa de Alemquer.	59	„ de Cerzedello . . . . . 7
Villa de Almeirim.	49	Villa de Chaves 31
Lugar de Alvellos . . . . .	97	„ de Cintra . . . . . 5
Villa de Alter do Chão	56	„ de Collares . . . . . 5
Lugar de Alvarães	103	„ de Conde . . . . . 20
Lugar de Santa Anna.	38	Lugar de Carvoeiro . . . . . 158
Povoação de S. Antonio do Imari do Ipurá.	114	
Povoação de S. Antonio do Castanheiro . . . . .	178	
Villa de Santo Antonio do Gurupá . . . . .	40	<b>E</b>
Lugar de Arcozello . . . . .	59	Villa de Ega . . . . . 101
Villa de Arrayolos.	42	„ de Espozende . . . . . 42
Lugar de Azevedo.	16	
<b>B</b>		
Lugar de Bracarena	7	<b>F</b>
Villa de Barcellos	165	Villa de Faro . . . . . 62
Villa de Beja . . . . .	7	Lugar de Fonte-boa . . . . . 129
Lugar de Bemfica.	7	„ de Fonte de pedra . . . . . 29
Freguesia de S. Bento	7	„ de Fragozo . . . . . 41
Povoação de S. Bernardo do Camanao . . . . .	180	Villa Franca . . . . . 56
Boa-vista . . . . .	46	S. Francisco Xavier da Tabatinga . . . . . 149
Villa de Boim . . . . .	56	
„ de Borba . . . . .	78	<b>G</b>
„ de Bragança . . . . .	5	S. Gabriel . . . . . 182
<b>C</b>		N. Senhora da Gaia . . . . . 190
Lugar do Carrazedo . . . . .	43	
		<b>J</b>
		S. João Baptista . . . . . 191
		S. João Nepomoceno de Carnundé . . . . . 179
		S. Joaquim do Coané. . . . . 183
		Villa de S. José do Iavari . . . . . 146
		S. José dos Marabitanas. . . . . 193
		Povoação de S. Izabel . . . . . 174

	<b>L</b>	
Lugar de Lamalonga . . .	172	
	<b>M</b>	
Villa de Macapá . . .	35	
Povoação de Maçarabú . .	175	
Villa de Mazagão . . .	38	
" de Melgaço . . .	25	
Povoação de S. Miguel do Iparaná . . .	190	
Lugar de Mondima . . .	29	
Villa de Monforte . . .	29	
" de Monsarás . . .	29	
" de Monte Alegre . .	53	
Lugar de Moreira . . .	167	
Villa de Moura. . .	155	
	<b>N</b>	
Freguesia da Natividade . .	10	
N. Senhora de Nazareth do Curiana . .	181	
Lugar de Nogueira . . .	102	
Villa nova d'El-Rei . . .	5	
	<b>O</b>	
Villa de Obidos . . .	57 e 60	
" de Oeyras . . .	23	
" de Olivenga . . .	142	
" de Ourem. . .	7	
Lugar de Outeiro . . .	52	
	<b>P</b>	
Lugar de Penha longa . .	5	
	<b>Villa de Pinhel . . .</b>	<b>56</b>
	" de Pombal . . .	47
	" de Portel . . .	25
	<b>Povoação do porto grande do Guamá . . .</b>	<b>7</b>
	<b>Villa de Porto de Moz . .</b>	<b>46</b>
	<b>Lugar de Porto Salvo. . .</b>	<b>5</b>
	" de Poyares . . .	163
	<b>R</b>	
	<b>Lugar de Reberdello . .</b>	<b>31</b>
	<b>S</b>	
	<b>Villa de Salvaterra . . .</b>	<b>29</b>
	" de Santarem . . .	56
	" de Serpa . . .	73
	" de Silves . . .	71
	" de Soure . . .	29
	" de Souzel . . .	47
	<b>T</b>	
	<b>Villa de Thoman . . .</b>	<b>169</b>
	<b>V</b>	
	<b>Villa de Veiros . . .</b>	<b>47</b>
	" Viçosa de S. Cruz do Cametá . . .	16
	" da Vigia . . .	5
	<b>Lugar de Villar. . .</b>	<b>29</b>
	" de Villarinho do Monte . . .	46
	<b>Villa nova Vistosa da Madre de Deos . . .</b>	<b>37</b>

*Índice dos Rios de que se faz  
menção neste Roteiro.*

## A

Abacaxiz	§ 68
Abuará	177
Acarapí	49
Acotípiréra	29
Amuaná	30
Anajaz	32
Anauirápucú.	37
Aniba	71
Arari	30
Araticú	23
Arauari	35
Arauató	74
Arinos	54

## B

Bacaurí	44
Rio das trez Barras	54
Barurí	168
Rio Branco	159

## C

Caeté	5
Cachipurú.	36
Cayamé	98
Capim	1
Canaticú	30
Canumá	68
Capurí	185
Carapapuri	36
Cararáucú	69
Catuá	98

Cauaburí	177
Cauaurí, ou Caburí	164
Cauidiá	185
Chiuará	175
Coarí	91 e 95
Coyerí	188
Cupijó	23
Curiaú	33
Curicuriaú	180
Cumá	53
Curuamanéma	59
Curuçá	5

## D

Duraá	174
Dimití	193

## E

Goajará	1
Goajará	24
Guamá	1
Guiriry	44
Gurupí.	7

## I

Iacundá	24
Iagarajó	24
Iaraucú	48
Iarí	41
Iaú	157
Iavarí, alias Yauari	147
Içá	135 e 138
Içana	188
Inabú	177
Irijo	34

## IV

<b>I</b>	<b>P</b>
Iriuaná . . . . .	26
Iuruá, alias Yuruá . . . . .	124
Intaí, alias Yutaí .. . . .	132 e 133
Yapixá . . . . .	32
Yapôco . . . . .	36
Yauaperí . . . . .	157
Yupurá . . . . .	114
Yurubá . . . . .	174
<b>M</b>	
Madeira . . . . .	75
Mavez, alias Mauez . . . . .	68
Magoarí, alias Mauarí. . . . .	7
Mayacaré . . . . .	36
Mamíá . . . . .	91
Manacápuru . . . . .	87
Mapuá. . . . .	32
Maracaná. . . . .	5
Maracápuçú . . . . .	38
Marajóuaçú . . . . .	29 e 30
Marapaní . . . . .	117
Maraviá . . . . .	177
Mariá . . . . .	180
Matapi . . . . .	37
Matarí . . . . .	79
Manuuixí . . . . .	178
Miuá . . . . .	180
Mojú . . . . .	1
Rio das Mortes . . . . .	44
Mucajá . . . . .	24
Mutuacá . . . . .	24
Mutuacá da Costa . . . . .	38
<b>N</b>	<b>Q</b>
Rio Negro . . . . .	150
Rio Neamundá . . . . .	62
<b>S</b>	
Quiyuní . . . . .	168
<b>T</b>	
Saracá . . . . .	71
Solimons . . . . .	84
Surubijú . . . . .	58
<b>U</b>	
Tapajoz . . . . .	54
Tefé . . . . .	98 e 100
Tiquié . . . . .	185
Tocantins . . . . .	10
Toeré . . . . .	42
Topinambaránas . . . . .	67
Trombetas . . . . .	61
<b>U</b>	
Uacará . . . . .	1
Uayuuana . . . . .	175

## V

Uanapú	25 e 26	Uruará.	51
Uaracá	168	Urubú	74
Uaranacuá	159 e 162	Urubuccára	52
Uarapium	56		
Uarirá	170		X
Uaticá	30		
Uatumá	70	Xingú	44
Uaupez	183		—
Uautaz	79	Este Índice não comprehende	
Ueneuixí	175	os Riachos, nem tambem os Rios,	
Uereré	171	que desaguão nos apontados no	
Uexié	192	mesmo Índice.	
Uniní	157		









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).